

André de Paulo Evaristo
Jane Mazzarino
Rita Mendonça

Ecosofia

imersões na Amazônia



Ecosofia

imersões na Amazônia



André de Paulo Evaristo
Jane Mazzarino
Rita Mendonça

Ecosofia

imersões na Amazônia

1ª Edição

QUIPÁ EDITORA
2024

Copyright © André de Paulo Evaristo, Jane Mazzarino e Rita Mendonça
Todos os direitos reservados

Esta obra foi publicada pela Quipá Editora em agosto de 2024. O conteúdo, bem como seus dados, forma, correção e confiabilidade são de exclusiva responsabilidade dos autores. Devem ser atribuídos os devidos créditos autorais.

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

Conselho Editorial

Me. Adriano Monteiro de Oliveira, Quipá | Dra. Aida Figueiredo, Universidade de Aveiro | Me. Ana Nery de Castro Feitosa, UFES | Dra. Leonice Alves Pereira Mourad, UFSM | Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, IFCE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E92e Evaristo, André de Paulo
Ecosofia : imersões na Amazônia / André de Paulo Evaristo, Jane Mazzarino e Rita Mendonça. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.
68 p. : il.

ISBN 978-65-5376-382-1

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-382-1

1. Ecosofia. 2. Educação ambiental. I. Mazzarino, Jane. II. Mendonça, Rita. III. Título.

CDD 577

SUMÁRIO



Apresentação	05
Encontros de composição de uma obra	06
I – Ecosofia	07
II – Ecosofia NAT	12
III – Contexto da experiência ecosófica: fragmento amazônico	16
IV – Invenções da pesquisa-intervenção	19
V – Gemas axilares: ecosofias coletivas	26
VI – A abordagem Sharing Nature como prática de Ecologia Profunda	57
Referências	64

Apresentação

Essa obra é fruto de parte de uma pesquisa de mestrado, que foi construída e perpassada por meus anseios prévios em conectar minhas formações: educação física e engenharia florestal. Essa teia ganhou novos direcionamentos e junções com os estudos da ecosofia e com as contribuições das autoras que assinam comigo esta obra.

Ao longo do texto, você poderá ter um vislumbre, mesmo que por recortes e inanimado, de como as vivências impactaram, e foram impactadas, pelos participantes (aos quais, novamente, eu digo: obrigado por aceitar o convite e se entregarem às atividades). Estas, por sua vez, foram todas planejadas seguindo uma conexão com a teoria e com os objetivos propostos, mas sem a permissibilidade de acesso à sensibilidade individual, social e ambiental dos participantes nada disso teria sido possível.

Enquanto pesquisador, anseio que essa obra instigue novas pesquisas no campo da Ecosofia NAT, com outros grupos, em outros locais e que os pesquisadores sejam guiados pela subjetividade (que aqui vou chamar de instinto) para além da coleta de dados, indo ao encontro das conexões e (re) sensibilizações.

Enquanto um dos autores, desejo que seja uma leitura de fácil compreensão e com gosto de quero saber mais. Enquanto pessoa, só tenho a agradecer pelos novos territórios existenciais, pelas (re) conexões geradas com quem se envolveu, com o ambiente e comigo mesmo ao longo de todo o trajeto até aqui.

Por fim, boa leitura.

André de Paulo Evaristo

Encontros de composição de uma obra

Este *e-book* relata a pesquisa-intervenção realizada durante os estudos de mestrado de André de Paulo Evaristo, sob minha orientação, no Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) da Universidade do Vale do Taquari - Univates, localizada em Lajeado, no Rio Grande do Sul.

André é de São Francisco do Guaporé, pertencente à região do Vale do Guaporé, em Rondônia. Entre um vale e outro, nos encontramos para este projeto cheio de vida.

Antes deste encontro, que iniciou em 2021, outro encontro potente atravessou-me: com a pesquisadora fenomenológica Rita Mendonça, que trouxe o Método do Aprendizado Sequencial, de Joseph Cornell, para o Brasil. Era 2013, um tempo em que eu procurava dar mais vida à pesquisa acadêmica, oferecendo a possibilidade dela ser uma experiência que fizesse os corpos tremerem.

A educação ambiental vivencial fez isso comigo. Como um ser-comunicacional sempre quero compartilhar o que me emociona. Ao André eu ofereci a possibilidade de levar este tipo de experiência aos seus alunos. Este *e-book* conta desse acontecimento: um encontro de um professor e seus alunos em um fragmento da floresta amazônica, mediado pelo contato com este bioma, com as artes e pelas conversas sobre o que os tocava.

Eu sintetizara algumas técnicas na metodologia que denominei Ecosofia NAT. A Ecosofia de Felix Guattari me inspirava a ver como se retroalimentam as dimensões subjetivas, sociais e ambientais. E eu percebia como o Método Sequencial e outras formas de estar nos ambientes naturais, junto com a expressão por meio das linguagens artísticas e formas diversas de compartilhamentos das experiências se combinavam com leveza. André aceitou fazer experimentos com isso.

Um novo encontro com Rita, este mais recente, em 2024, levou ao convite para que seu olhar viesse compor essa obra, como um reencontro entre começos e onde as coisas podem dar nestes entrelaçamentos ecossistêmicos, que gosto de tramar entre pessoas, naturezas e metodologias de pesquisa.

Jane Mazzarino



I - Ecosofia

Ecosofia

Tudo começou com a aproximação da palavra ecosofia. Convidamos ela para estar mais junto, compreendê-la teoricamente para senti-la como já a vivíamos, de algum modo, sem denominá-la. A experiência não precisa das palavras, mas as palavras também fazem o pensamento alçar voo. E a filosofia do ambiente, como se traduz a ecosofia, é um convite a um voo de reencontro com as coisas essenciais.

Ao analisar a palavra ecosofia de maneira etimológica, Hampson (2010) expõe que ela tem sua raiz no termo *eco*, também presente em economia, derivada do grego *oikos*, que se relaciona à família, casa, local de moradia, habitação e *sophy*, visto igualmente em filosofia, advindo do Grego *Sofia*, significando sabedoria. Para muitos, ainda, será familiar entender o significado de *sophy* por “amor pelo conhecimento”, a partir da qual se originou o termo ecosofia. Nesse sentido, a etimologia literal da palavra é compreendida como “o conhecimento da casa”, compreendendo casa como terra habitada, buscando desenvolver conhecimento sobre ela (SHAW, 2017).

Para Naess, a ecosofia é uma cosmovisão filosófica inspirada no movimento da Ecologia Profunda, que incorpora três dimensões em co-produção: pessoal, social e o ambiente externo compartilhado, portanto se diferencia da ecologia que foca apenas o ambiente externo, já que observa a vida humana em entrelaçamento com todas as demais da ecosfera, formando ecossistemas simbióticos, de ajuda mútua, geradores de complexidades.

A ecosofia, para Naess, é uma filosofia pessoal, uma perspectiva que guia as decisões individuais aplicadas a questões envolvendo todos os seres, não se apresentando apenas como amor pela sabedoria, como a etimologia da palavra expõe, mas sim amor pela sabedoria com direção à ação (NAESS, 2018). Portanto, ele sugere que cada um crie sua ecosofia e a denomine a seu modo. A sua, Naess chama ecosofia T, inicial da montanha *Tvergastein*, onde viveu um grande período de sua vida em uma cabana, experienciando-a.

Ecosofia, na contribuição de Levesque (2016), constitui-se em um paradigma voltado ao conhecimento ecológico, com base numa estrutura filosófica direcionada à ação prática, envolvendo tanto o engajamento político quanto a ação cotidiana, combinação que se refere a um estilo de vida. Para o autor, a ecosofia é uma maneira de promover autodisciplina, determinação e organização em comunidade. Smith (2019), por sua vez, salienta que a ecosofia é vista como uma visão total do meio ambiente, que busca

esclarecer nosso lugar na natureza e analisar problemas pela junção da filosofia e com a ecologia, guiado por um código pessoal de valor e visão de mundo, norteador das nossas decisões.

Para Tinnell (2011) a ecosofia não deve ser entendida como eco filosofia, pois não se trata do simples redirecionamento do pensamento filosófico para as inquietações sobre o ambiente. Assim, na visão do autor, pensar ecosoficamente envolve repensar a filosofia nos dias atuais, a partir da convergência da natureza e da cultura, pensada em um cenário de globalização, com a presença da internet e de crises ecológicas.

Em contribuição, Brunner, Nigro e Raunig (2013) destacam que a ecosofia sugere novas maneiras de pensar e estudar a produção, não tendo o anseio de unificar formas dispersas de antagonismos, mas sim a criação de novas maneiras de ser, de viver no espaço molecular da existência, seja em espaços urbanos, familiares, de trabalho ou em outras relações. Os autores são inspirados pela ecosofia nos termos de Félix Guattari.

Inspirado pelo seu tempo histórico e com olhar visionário, Guattari (1990) assume a tríade da Ecologia Profunda e a propõe como as três ecologias que compõe seu conceito de ecosofia, cada uma com princípios interconectados. A dimensão pessoal ou como ele denomina, mental, é aprofundada a partir da problematização da subjetividade produzida em um contexto do Capitalismo Mundial Integrado, que redireciona seus esforços para a produção de imaterialidades, mais que de produtos materiais, tendo a mídia como agilizadora destes processos. Diante desse movimento globalizado, ele expõe a necessidade de criarmos nossos territórios existenciais a partir de outros registros de relações com a vida, com as pessoas, com o trabalho e com o ambiente. A segunda ecologia é do socius, relativa aos grupos e à formação de comunidades, de coletivos, aos quais cabe também a resistência aos modos de subjetivação, ressingularizando-se com a invenção de outras formas de ser em grupo, incluindo a apropriação das tecnologias de mídia para fundar uma era pós-mídia. Ele aborda a padronização dos comportamentos, cada vez mais uniformizados, desconhecimento e passividade das pessoas das problemáticas do seu tempo, quando “não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana” (GUATTARI, 1990, p. 27). A terceira ecologia, ambiental, refere-se ao ambiente de vida físico, observado em processos de deterioração crescente, junto com as outras duas ecologias, reclamando intensidades novas, que não contentem-se em tratar os danos industriais de forma tecnocrática, quando necessita-se uma articulação ético-política baseada na tríade

relações sociais, subjetividade e meio ambiente voltada para a recomposição das práxis humanas em vários domínios.

É na crise ambiental que a ecosofia, tal como a educação ambiental e a ecologia, tem sua origem, para Builes-Cadavid *et al.* (2018). Entretanto, transcende esses dois campos teóricos, porque direciona o olhar ao ser humano em todas as suas dimensões. Com isso, busca o alcance da vida em integral harmonia com seu entorno, seja distante ou imediato, nas diversas áreas em que tem interação. Além disso, direciona seu reflexo para o meio ambiente, na construção de um fluxo histórico que investiga os motivos da deterioração planetária.

A ecosofia, por Warat (1992), apresenta-se distante dos discursos imobilistas e busca um polo de agitação que insira o corpo nas intensidades vividas, de modo a recuperar a busca instintiva e natural pelo prazer. Compreendemos que a busca por esse prazer, exposto pelo autor, é uma analogia ao anseio da satisfação pessoal integral, que move os desejos diários e impulsiona pela busca de novas possibilidades. “É a ecologia para um homem mental, afetiva e politicamente (as três instâncias ecológicas propostas por Guattari) disposto a atravessar múltiplas experiências existenciais, explorar o novo e abrir-se para o outro como diferença” (WARAT, 1992, p. 83).

Adotar a visão de mundo ecosófica é, em síntese, de acordo com Levesque (2016), praticar individualmente uma postura comunitária, com disciplina de si mesmo, alinhado com a ética de exemplaridade. “Implica a própria possibilidade de formar qualquer comunidade, ou seja, de criar agenciamentos de sentido compartilhado, ou realidade compartilhada, que por sua vez dá impulso a ações valorizadas, impulsionando ideias e objetivos” (LEVESQUE, 2016, p. 534, tradução nossa).

Maffesoli (2021) salienta a dimensão comunitária quando refere à ecosofia como "sabedoria da casa comunitária, isto é, a terra-mãe", marcada pela solidariedade holística própria das experiências comunitárias. Para o autor, retomar esta conexão por meio da sensibilidade ecosófica pode garantir a sua sobrevivência humana no planeta, substituindo a ideologia do progresso (com exploração, possessão e dominação da natureza), para a progressividade valorizadora do povo, natureza, território, sentimentos, humores. Sua ecosofia é uma proposta para que retomemos a natureza essencial das coisas, reconhecendo a força vital que impulsiona a vida natural, decorrente da sintonia com o território comum, simplesmente sendo estando presente com os outros, em um relacionamento íntimo que permitirá a retomada da vida em grupo que nos formou como humanidade.

Como realizar uma ecosofia em ação como propõe Naess, assumindo o registro ético-estético-político proposto por Guattari, de forma a nos reconectarmos com a comunidade da Terra? As propostas de Naess, Guattari e Maffesoli são teóricas. Naess, em sua obra, chama atenção para a falta de propostas metodológicas para experienciar a ecosofia. Ainda quando desconhecia a ecosofia de Arne Naess, Mazzarino (2021) criava experimentos por meio da pesquisa-intervenção inspirada em formações que abordavam a educação ambiental como um processo de comunicação que solicitava um corpo presente, em contato com a natureza, a expressão dos atravessamentos em registros pessoais e o compartilhamento das experiências vivenciadas. Técnicas de criação de conversas significativas, abordagens baseadas nas artes e na atenção focada nos sentidos foram sementes para a invenção da Ecosofia NAT, baseada na tríade Natureza-Arte-Tecnologia, dinamizadora de intensidades de interconexão das três ecologias.



II - Ecosofia NATU

Ecosofia NAT

A Ecosofia NAT é uma síntese que forma uma estrela de Davi. Faz atravessamentos entre duas tríades: das dimensões do eu, dos outros humanos e de todas as outras formas de vida, e da tríade formada pelo contato primordial com a natureza, pela arte como expressão da experiência e o pelo compartilhamento do que se passou, como forma de estar junto, em comunhão, em roda, como os ancestrais em torno da fogueira.

A ecosofia NAT, de acordo com Mazzarino (2021), tem sua aplicação na comunicação ambiental e mescla tecnologias de mídias, tecnologias sociais/colaborativas, atividades de contato direto com a natureza e a expressão livre por meio de registros que exploram as linguagens artísticas. Esses três elementos Natureza-Arte-Tecnologia se compõem mutuamente, conversando entre si, como hologramas, potencializando e retroalimentando-se.

As tecnologias sociais exploradas, citadas pela autora, são a Pedagogia do Círculo, o Trabalho Que Reconecta (TQR), a Investigação Apreciativa, as Conversas Significativas, a Comunicação Não Violenta (CNV), o Dragon Dreaming, mapas sociais, mapas de paisagem, entre outros.

As atividades de educomunicação permeiam a Ecosofia NAT como estratégias metodológicas, que instigam os participantes, em seus processos de criação, à utilização e apropriação das tecnologias de mídia. Mazzarino (2021) se apoia no uso da educomunicação voltada à expressão comunicativa, através da utilização de tecnologias de comunicação e informação e atividades artísticas, processo que valoriza a sensibilidade, abre espaço para a experimentação e para a auto expressão.

Mazzarino (2021) salienta que nos dias atuais, com o avanço da tecnologia, fotografar se tornou algo tão comum e rotineiro que as pessoas, muitas vezes, não despendem atenção ao que está sendo fotografado, estão ausentes, sem a conexão com a experiência, restringindo a experimentação estética. Na Ecosofia NAT, a produção de imagens, seja por fotografia, vídeos, desenhos ou formas tridimensionais, é um chamado para reaprender a olhar com atenção focada, criando narrativas, ético-estético-políticas com e no lugar que habitam.

A Ecosofia NAT se propõe a ir além da proposta hegemônica de estudos em comunicação ambiental. Mazzarino (2021, p. 46) provoca a

pensar a natureza humana e natureza não humana coproduzindo se mutuamente o tempo todo: o corpo do sujeito e a natureza-sujeito, corpo natureza e a natureza-sujeito. Desse modo, nos distanciamos das perspectivas de comunicação ambiental que quantificam, mapeiam, perseguem padrões, enquadram e, não raro, asfixiam sensibilidades, sendo geralmente centradas nas mídias pela própria mídia. Realizamos, por meio da experiência, uma comunicação ambiental comprometida com a perspectiva ecosófica de Guattari (1991).

A autora argumenta que usando a proposta de comunicação ambiental “que explora o deleitamento, a sensibilidade, a ludicidade, a liberdade criativa, o contato direto com as formas de vida, compartilhando experiências” (MAZZARINO, 2021, p. 43), os conceitos passam a ser verdades temporárias, além de se poderromper com o autoritarismo do conhecimento dominante e com as representações sociais do senso comum.

As atividades de contato com a natureza estão inspiradas no Método Aprendizado Sequencial de Joseph Cornell (2005), que se organiza em quatro etapas: despertar o entusiasmo, concentrar a atenção, experiência direta, compartilhamento da inspiração. O método foi divulgado no Brasil por Rita Mendonça (2012).

Na Ecosofia NAT, variadas possibilidades de expressão são exploradas para a produção de autobiografias ecosóficas, formas narrativas que permitem acessar o imaginário fazendo emergir a sensibilidade individual, a partir da forma como o corpo é tocado pela experiência.

[...] a Ecosofia NAT, ao incorporar natureza, arte e tecnologia, busca provocar a escuta poética, acatar o acaso, as temporalidades humanas não lineares, as derivas, as ecologias menores, a fragilidade, a intuição, a escuta dos desejos, a conversação, assim como o mergulho na natureza, sem escudos, para abrir-se ao reencontro com dimensões adormecidas, para o reconhecimento do lugar habitado, a realocação do ser humano no mundo, a ressignificação das relações, o reavivamento dos sentidos, a redescoberta do potencial criativo (Mazzarino, 2021, p. 39).



Que derivas poderiam surgir das experiências ecosóficas inspiradas por esta proposta entre meninos e meninas inseridos no bioma amazônico? Que atravessamentos se produziriam nas três ecologias dos participantes: de si, social e ambiental?



III – Contexto da experiência
ecosófica: fragmento amazônico

Contexto da experiência ecosófica: fragmento amazônico

O Brasil é considerado um país continental, dividido em cinco regiões: sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e norte, e, ao longo de sua extensão, apresenta seis biomas: Caatinga, Pampa, Pantanal, Mata Atlântica, Cerrado e Amazônia, que é o mais representativo em extensão.

A Amazônia, considerada a maior reserva de diversidade biológica do mundo, apresenta clima dominante quente e úmido, possui a maior rede hidrográfica do planeta, escoando cerca de 20% do volume de água doce do planeta, apresenta flora variada, com grande diversidade de espécies florestais indicadas para diferentes usos, além de grande diversidade de fauna, fungos, bactérias e outros microrganismos que atuam no balanço ecológico do bioma (IBGE, 2004).

O estado de Rondônia, localizado na região norte, é predominantemente coberto pelo bioma amazônico, cuja Floresta Ombrófila Aberta é o tipo de vegetação predominante. Esse tipo de vegetação possui uma menor densidade de indivíduos, quando comparada a Floresta Ombrófila Densa, com predominância de árvores e cipós perenes e lenhosas, e pode apresentar um período de seca, entre 2-3 meses (IBGE, 2006).

Realizaram-se as imersões em um dos municípios, São Francisco do Guaporé, pertencente à região do Vale do Guaporé, em Rondônia, criado pela Lei nº 644 de 27 de dezembro de 1995. Tem 10.959,767 km² de extensão territorial. Faz divisa com os municípios de Alta Floresta d'Oeste, Costa Marques, São Miguel do Guaporé, Seringueiras e com a Bolívia.

A população em 2010 era de 16.035, estimada em 21.088 para 2021, em sua maioria residente na área urbana. A cidade se formou a partir da implantação da BR 429, no ano de 1985, tendo como principal fonte de renda a exploração madeireira e, atualmente, a agropecuária ocupa lugar de destaque na economia do município (SÃO FRANCISCO DO GUAPORÉ, 2019; IBGE, 2017).

O grupo de participantes foram estudantes do ensino fundamental. No contexto educacional, o município apresenta, com base em dados de 2010, 95,7% de taxa de escolaridade, na idade de 6 a 14 anos. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2019, para os anos finais do ensino fundamental, foi de 5,4, acima da meta estabelecida para o município, estado e país, que era de 4,8, 4,9 e 5,2, respectivamente. Em 2020, apresentou 2.565 matrículas no ensino fundamental e 726 matrículas no ensino

médio em 10 estabelecimentos de ensino fundamental e dois de nível médio (IBGE, 2017; INEP, 2020).

O local de realização das vivências foi um fragmento florestal de, aproximadamente, 17 ha. Apresenta espécies florestais como jacarandá (*Jacaranda copaia* (Aubl.) D. Don), castanheira (*Bertholletia excelsa* Bonpl.), açai solteiro (*Euterpe precatoria* Mart.), paineira (*Ceiba speciosa* (A. St. Hill) Ravenna), garapa (*Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F.Macbr.), escorrega macaco (*Calycophyllum spruceanum* (Benth.) K.Schum.), guarantã (*Esenbeckia leiocarpa* Engl.), cacau nativo (*Theobroma speciosum* Willd. ex Spreng.), embaúba (*Cecropia* sp.), ipê-amarelo (*Handroanthus* sp.), garapa (*Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F.Macbr.), pinho cuiabano (*Schizolobium parahyba* var. *amazonicum* (Huber ex Ducke) Barney) e cerejeira (*Amburana acreana* (Ducke) A.C.Sm.). Possui uma estrada de rodagem em meio à floresta, com 500 metros de comprimento, aproximadamente, utilizada exclusivamente para chegar à residência do proprietário, logo não há fluxo contínuo de veículos.



IV – Invenções da pesquisa-intervenção

Invenções da pesquisa-intervenção

Este capítulo apresenta como tudo se organizou para a experiência ecosófica acontecer. Como o grupo de participantes foi criado, a forma de produção e de compreensão das movimentações dos territórios existenciais de um coletivo de meninos e meninas, que adentraram juntos o fragmento amazônico.

a) A criação do grupo de participantes

Para seleção dos participantes foi utilizado o grupo focal, cuja seleção foi direcionada a uma turma de 9º ano do ensino fundamental. De acordo com Gui (2003), no grupo focal anseia-se pela pluralidade de ideias, enfatiza-se a interação dentro do grupo, tendo como base tópicos específicos, de modo a oportunizar a observação de uma grande quantidade de interação entre os participantes em torno do tema abordado, num tempo limite de tempo. O autor destaca que “o principal interesse é que seja recriado, desse modo, um contexto ou ambiente social onde o indivíduo pode interagir com os demais, defendendo, revendo, ratificando suas próprias opiniões ou influenciando as opiniões dos demais” (2003, p. 4).

Essa etapa foi realizada a partir de questionário entregue em sala de aula. Os critérios de inclusão foram: não possuir restrição para atividades educativas em ambiente de floresta, não estar fazendo tratamento médico/psicológico (pois isso interfere no estado psicofisiológico dos participantes, podendo influenciar diretamente nos resultados), estar disposto a participar das atividades e ter autorização dos seus responsáveis legais. De toda a turma, 13 discentes deram devolutiva e oito cumpriram os critérios de inclusão, sendo a pesquisa desenvolvida com estes (no projeto havia sido proposto seis participantes, sendo que o número foi ampliado a fim de evitar exclusão de quem estava disposto a participar).

Do segundo ao sétimo encontro teve a participação de uma estagiária em educação física. E no quarto e sexto encontro, respectivamente, teve a presença da vice-diretora e diretora da escola, que auxiliaram no transporte dos participantes da instituição até o local de realização das vivências.

Toda a pesquisa de campo foi cuidadosamente organizada. E mesmo com tudo organizado, o receio em levar os adolescentes para a floresta, que possuem seus riscos,

era algo sempre pulsante. Para tanto, para segurança dos participantes fizeram uso de perneiras e repelente.

Ao longo do trabalho os participantes são identificados a partir da resposta dada à pergunta “Se fosse algo da floresta, o que seria?”, feita no quarto encontro. Todos os participantes assinaram Termo de Assentimento e os responsáveis dos participantes receberam e assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação na pesquisa, coleta de saliva e resposta à Escala de Humor de Brunel (BRUMS). Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Univates (Coep/Univates), sendo registrada pelos números 34754020.2.0000.5310 e 11197612.1.0000.5310.

b) A produção de dados

Para a produção dos dados a campo a estratégia foi gerar intervenções baseadas na metodologia da Ecosofia NAT. A pesquisa-intervenção, dadas as suas características, possibilita potencial inventivo variado. Para Amaral, Gentini e Amaral (2018), a pesquisa-intervenção propõe novas possibilidades nos processos formativos de educação ambiental, pois pode ser considerada uma aventura por territórios desconhecidos, já que ocorre um permanente processo de transformação e adaptação aos grupos e espaços onde ocorrem as intervenções. Ainda para os autores, esse campo investigativo mostra-se como potencial produtor de sentidos, já que o método atua implementando novas formas de relacionamentos, com maior sensibilidade, mais inventivas e menos opressoras, com as conexões, os intercâmbios e as trocas, trabalhando no intermezzo, nos entrelugares que tem importância no processo por promover reflexões e, também, por poder operar criando um processo de engajamento criativo. A pesquisa-intervenção foi inventada tomando como base a proposta da Ecosofia NAT articulada às três dimensões da ecosofia (subjéitiva, social e ambiental).

O uso de tecnologias sociais colaborativas dava início ao processo, com elementos da pedagogia do círculo e o uso de perguntas disparadoras, promovendo o primeiro momento de socialização, com a escuta atenta do grupo enquanto ocorre a fala profunda de cada participante. Seguia-se um convite à introspecção para a experiência direta e individual, que geralmente referia-se ao contato direto com a natureza, momento em que os participantes eram convidados a explorar os sentidos e registrar o que emergisse, por

meio de linguagens artísticas ou das tecnologias de mídia. Após a experiência individual, acontecia o compartilhamento das experiências, quando se exploravam as tecnologias sociais, momento em que cabe ao mediador conectar as falas com o tema do encontro, para a compreensão coletiva das ressonâncias e dissonâncias (MAZZARINO, 2021). Essa sequência foi utilizada para estruturar os sete encontros, sendo que o primeiro e o último encontro foram realizados no ambiente escolar, e os outros cinco em fragmento florestal amazônico.

Na Ecosofia NAT, as experiências artísticas são exploradas utilizando-se de diversos materiais artísticos disponíveis, “buscando sensibilizar o participante em seus aspectos sensório, motor, perceptivo, afetivo, cognitivo, simbólico, criativo, intuitivo” (MAZZARINO, 2021, p. 50). Elas têm demonstrado sua potência para criar novos territórios existenciais, como propõe Guattari (1990), já que possibilitam rever-se em outras possibilidades de expressar-se e reconhecer-se.

Os participantes foram provocados a interagirem profundamente com o território que habitam, atentando à forma como o ambiente tocasse seus sentidos e cartografando trajetos, dando abertura ao que emergisse. Essas corpografias, experiências que marcam os corpos por meio dos sentidos, compuseram suas autobiografias imagéticas e sensoriais, registradas durante os encontros, que documentam as experiências ecosóficas (MAZZARINO, 2021).

No contato direto com a natureza segue-se os postulados do Método Aprendizado Sequencial (CORNELL, 2005; MENDONÇA, 2017), que busca proporcionar a cada indivíduo uma experiência genuinamente positiva com a natureza através de princípios simples, atividades dinâmicas, prazerosas e reflexivas, passíveis de adaptações às condições de seu desenvolvimento. Levamos em consideração quatro estágios que fluem de um para o outro de forma natural e suave: no estágio um desperta-se o entusiasmo, seguindo para a concentração da atenção (estágio dois), experiência direta com a natureza (estágio três) e, por fim, no estágio quatro, o compartilhamento da inspiração. Na Ecosofia NAT, os estágios dois e três são unificados (MAZZARINO, 2021). Sete vivências de contato direto com a floresta propostas por Cornell (2005) e Mendonça (2017) foram exploradas: caminhada silenciosa, caçada imóvel, poema dobrado, encadeamento, passa-passa, ouvir sons e olho vivo.

A pesquisa de campo incluiu também a aplicação de escalas. Foi aplicado um questionário simples, antes e após cada encontro, para que os participantes avaliassem seu estado de ânimo, a partir de nove elementos (bem-estar, relaxamento, humor,

estresse, sono, ira/raiva, confusão, ansiedade e depressão), tomando como referência artigos sobre banho de floresta, a necessidade de simplicidade de identificação dos elementos para os participantes e a relação com elementos que o grupo de pesquisa Ecosofias, Paisagens Inventivas (CNPq/Univates) está evidenciando como resultados em outros estudos da Ecosofia NAT. A escala aplicada segue a avaliação de outras escalas já consagradas, como a BRUMS que inspira a escala própria criada para a pesquisa. O participante indicava valores numéricos de acordo com o item avaliado, variando de 0 = nada até 4 = extremamente.

A Escala de Humor de Brunel (BRUMS), instrumento adaptado do Perfil de Estados de Humor (POMS), é considerado um indicador satisfatório para avaliar alterações de humor (ROHLFS, 2006). O questionário, conforme exposto por Rocha (2010), apresenta 24 parâmetros, na qual o participante pode escolher itens dentro de uma escala numérica, que varia de 0 a 4 (0 = nada, 1 = um pouco, 2 = moderadamente, 3 = bastante, 4 = extremamente), em resposta à pergunta “Como você se sente agora?”, que são organizados nas seis subescalas a seguir:

Raiva: irritado, zangado, com raiva, mal humorado (itens 7, 11, 19, 22);

Confusão: confuso, inseguro, desorientado, indeciso (itens 3, 9, 17, 24);

Depressão: deprimido, desanimado, triste, infeliz (itens 5, 6, 12, 16);

Fadiga: esgotado, exausto, sonolento, cansado (itens 4, 8, 10, 21);

Tensão: apavorado, ansioso, preocupado, tenso (itens 1, 13, 14, 18);

Vigor: animado, com disposição, com energia, alerta (itens 2, 15, 20, 23).

c) Interpretação dos dados

Tudo que aconteceu nos encontros foi registrado em forma escrita. Estes dados produzidos necessitavam de um método científico para sua compreensão. A análise textual proposta por Roque Moraes nos pareceu aberta o suficiente para valorizar aspectos da subjetividade e os planos comuns que se construíram nos encontros. Como escolhemos trabalhar com um pequeno grupo e aprofundar-se em sete encontros, buscamos valorizar também o que foi raro.

Moraes (2005, p. 87) expõe que “pesquisas qualitativas seguidamente trabalham com informações apresentadas em forma de textos”. Podemos complementar, afirmando

que incluem o que os pesquisadores transformam em textos a partir de falas ou outras formas de relatos.

Os dados produzidos durante as intervenções foram analisados de forma descritiva e interpretativa, seguindo a análise textual qualitativa proposta por Moraes (2005, p. 89), que a conceitua assim:

é um processo integrado de análise e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, visando descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foram produzidos.

A análise textual envolve o trabalho de textos, que podem ser pré-existentes ou produzidos durante a pesquisa, podendo ter origens diversas, tais como entrevistas, registros observacionais, depoimentos escritos construídos pelos participantes e gravações (MORAES, 2005).

Os registros referiram-se ao diário de campo, onde eram feitas anotações sobre impressões pessoais do pesquisador, com registro de palavras/termos/frases chaves expostos no compartilhamento das experiências, anotação das respostas dadas às perguntas disparadoras e falas sobre as produções individuais dos participantes em cada encontro, e outros relatos compartilhados pelo grupo do *WhatsApp* que foi criado. Além do diário de campo, os registros escritos, fotográficos e artísticos feitos pelos participantes, com sua interpretação, são parte dos dados produzidos. Além desses elementos, as análises de escala criada para a pesquisa e da escala BRUMS, aplicada antes e depois do banho de floresta, utilizada em um dos encontros, constituem o corpus da pesquisa.

O conjunto de textos analisados denominados *corpus* referem-se a elementos linguísticos, que representam uma multiplicidade de vozes que ressoam a partir do fenômeno estudado, e são marcadas pela subjetividade, formas de interpretação e compreensão dos indivíduos envolvidos em seu processo produtivo, além de aspectos discursivos e culturais (MORAES, 2005).

Moraes (2005) destaca que o pesquisador deve ter consciência que a visualização e análise do seu *corpus* sofre influência desse conjunto de vozes, mesmo que utilize seus próprios referenciais nessa leitura. O autor enfatiza que, “é importante que a análise textual atinja um estágio interpretativo e de reconstrução teórica” (MORAES, 2005 p. 99),

superando a mera descrição e estabelecendo pontes entre tais apontamentos e as teorias que dão suporte a pesquisa.

Fazendo a caracterização de enunciados significativos dos textos e seus elementos unitários, o pesquisador irá produzir um *metatexto*. Nessa tipologia de análise, a validade das informações pode ocorrer mediante interlocuções empíricas, com a inserção no texto de falas e citações de fragmentos analisados, e interlocuções teóricas (MORAES, 2005).

Na análise textual, de acordo com Moraes (2005), há possibilidade de criação de categorias em vários níveis, que, em conjunto, compõem sistemas ou redes de ideias, com a capacidade de apresentar os elementos mais marcantes dos materiais analisados. O autor salienta que essas categorias podem se originar por dois processos: *a priori* e *emergentes*. No primeiro caso, as categorias são definidas previamente à análise propriamente dita, enquanto no segundo o pesquisador permite que as categorias emergjam durante o processo analítico. No caso desta pesquisa-intervenção, surgiram durante.



V - Gemas axilares:
ecosofias coletivas

Gemas axilares: ecosofias coletivas

Neste capítulo são apresentadas as movimentações dos territórios existenciais, num aspecto mais coletivo, pautado na tríade da ecosofia conforme emergiram como plano comum, a partir dos sete encontros da pesquisa-intervenção.

Ecologia Subjetiva

- a) Chegadas e Despedidas
- b) Sentidos
- c) Estados de Humor
- d) Autoconhecimento

Ecologia social

- a) Proximidade
- b) Sinergia
- c) Por um fio

Ecologia ambiental

- a) Distanciamento da natureza
- b) Identificação de problemas socioambientais
- c) Micro-habitat.

Ecologia subjetiva

Mendonça (2017) pontua que temos conhecimento de nossas diferenças em relação às demais pessoas, mas, por vezes, agimos como se tivéssemos necessidades, temperamentos e reações iguais, fruto da impressão de homogeneidade presente na nossa cultura. Para a autora, é fundamental termos momentos de auto-observação e reconhecimento do nosso perfil específico, afirmando nossa potência no mundo, buscando desenvolver senso crítico e o cultivo do discernimento das coisas, pessoas e lugares, pois quanto mais nos conhecemos mais podemos ser autênticos e nos apresentar por inteiro a todos.

Esses aspectos se relacionam com a nossa subjetividade, a forma como vemos, encaramos e experienciamos o mundo. Nas vivências, esse ponto foi analisado a partir do *check in* e *check out*, avaliação do estado de humor e dos relatos feitos pelos participantes ao longo dos encontros. Criamos subcategorias emergentes da Ecologia Subjetiva: a) Chegadas e Despedidas, b) Sentidos, c) Estados de Humor e d) Autoconhecimento.

a) Chegadas e despedidas

O *check in* e o *check out* possibilitam ao mediador verificar como, e se, as intervenções afetaram os participantes. De modo geral, os encontros influenciaram os participantes em todos os encontros, quando manifestaram estarem se sentindo "feliz", "relaxado", "alegre" e "calmo". "Ansiedade" e "tristeza" foram palavras utilizadas em decorrência do fim da atividade ou expectativa para a próxima reunião do grupo. Passarinho, por sua vez, declarou sentir "menos vergonha e ansiosa pelo próximo encontro" (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022) (TABELA 1).

Tabela 1 – Palavras/expressões expostas pelos participantes no *check in* e *check out* de cada encontro

Participantes		Raiz	Passarinho	Árvores	Animal - Passarinho	Pássaro	Cipó	Preguiça	Pica-pau
1º encontro	<i>Check in</i>	Vergonha	Feliz	Alegria	Feliz	De boa	Suave	Felicidade	Dúvida
	<i>Check out</i>	Relaxado	Menos vergonha e ansiosa pro próximo encontro	Feliz	Alegre, feliz e ansiosa para o próximo encontro	Divertido	Feliz, ansiosa para o próximo encontro	Feliz	Feliz
2º encontro	<i>Check in</i>	Empolgado	Feliz	Alegre	Feliz	Animado	Feliz	Alegre	Alegre
	<i>Check out</i>	Feliz	Feliz	Bem alegre e ansioso para o próximo encontro	Triste (perdeu a chave de casa na mata)	Alegre, feliz	Muito bem, feliz	Feliz	Feliz
3º encontro	<i>Check in</i>	Ansioso	Feliz	Feliz	Ansiosa	Relaxado	De boa	Alegre	Feliz
	<i>Check out</i>	Calmo, relaxado	Feliz	Alegre	Feliz	Feliz	Feliz, triste (fim do encontro)	Feliz	Alegre
4º encontro	<i>Check in</i>	Ansioso	Feliz e ansiosa	Alegre	Feliz e ansiosa	Ansioso	Feliz	Alegre	Feliz
	<i>Check out</i>	Feliz	Feliz, ansiosa para próximo encontro, triste (encontros acabando)	Feliz e ansioso para o próximo encontro	Alegre	Calmo	Vontade de ir embora (fazer xixi)	Feliz	Feliz
5º encontro	<i>Check in</i>	-	Com preguiça	De bom humor	Feliz, ansiosa	Bem	Com dúvida	Feliz	Relaxado
	<i>Check out</i>	-	Feliz	Em dúvida	Feliz	Relaxado e reflexivo	Relaxada	Feliz	Relaxado
6º encontro	<i>Check in</i>	Feliz por participar de mais um encontro, triste por ser o último na	-	Triste por ser o último na floresta	Feliz (meu aniversário hoje)	Feliz, triste por ser o último na floresta	Feliz, depressiva por ser o último na floresta	Feliz, alegre	Feliz por estar aqui, triste por ser o último na floresta

		floresta							
	Check out	Muito feliz, apavorado por causa do pinscher	-	Ansioso para o próximo encontro	Feliz, alegre	Feliz	Muito feliz	Feliz	Feliz, triste (fim dos encontros na floresta)
7º encontro	Check in	Feliz, triste por ser o último encontro	Feliz	Com sono	De boa	Animado	Feliz, animada	Alegre/com sono	Com sono
	Check out	Relaxado	Feliz, triste por ser o último encontro	Calmo	Feliz	Alegre, agradecido pelos encontros	Muito feliz	Feliz, alegre	Feliz

Fonte: André de Paulo Evaristo.

No último encontro foi perguntado aos participantes o que mais pulsou no grupo e vivências, obtendo-se as respostas presentes na tabela 2.

Tabela 2 - O que mais pulsou no grupo e vivências de acordo com os participantes

Participante	RELATO
Árvores	O momento do compartilhamento, caminhar pela floresta, diversão
Cipó	“As aventuras na mata, as frases, a brincadeira de tocar – principalmente esse dia, os animais (borboletas, macaco, cachorro), o dia do relaxamento, o dia da foto na mata, o compartilhamento”
Pássaro	Aventuras e autoconhecimento
Pica-pau	“As frases, andar na floresta e o <i>Au lait</i> ¹ ”
Raiz	“As aventuras, as nossas brincadeiras, o jeito que eu vi a natureza depois disso, a nossa amizade”
Preguiça	“Ficar na mata por 1 hora e pensar nas coisas, foi legal todos encontros, os lanches, as brincadeiras, as novas experiências, andar no meio da mata em duplas e só e muitas atividades legais”
Animal - Passarinho	“Foi compartilhar nossas experiências, como nós somos e as atividades de pensar no meio do mato e as conversas, risadas e brincadeiras”
Passarinho	“Passei a conhecer mais as pessoas do grupo”

Fonte: André de Paulo Evaristo, com base nas respostas dos participantes no encontro do dia 21/05/2022.

Analisa-se que aspectos das três ecologias propostas por Guattari foram mencionadas, tais como o autoconhecimento e atividades de reflexão, relacionado a subjetividade, as conversas e a amizade, estando conectada a ecologia social e “o jeito que via a natureza depois disso”, fazendo menção a ecologia ambiental (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

b) Sentidos

Dos cinco sentidos, o olfato (n=4), paladar (n=2) e audição (n=1) foram relatados como o menos utilizado pelos participantes em seu cotidiano, enquanto a visão (n=5) e tato (n=2) são os mais utilizados. A dinâmica de sensibilização dos sentidos foi bem apreciada pela participante Cipó (FIGURA 1). Ela relatou que foi o encontro que mais conheceu sobre as coisas e compartilhou a seguinte experiência: “escutei o som do silêncio, foi muito bom” (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022).

1 Café feito na máquina expressa, disponibilizado no primeiro encontro, que acabou se tornando o nome do grupo e o cumprimento dos participantes após tal reunião.

Figura 1 – Dinâmica ouvir sons, sentir cheiros, sentir na pele



Fonte: André de Paulo Evaristo

Os aspectos emergentes referentes à pergunta reflexiva do final do sexto encontro (O que mais e menos quero tocar, ver, degustar, ouvir e cheirar na vida?) pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3 – Relato dos participantes sobre o que mais e menos querem tocar, ver, degustar, ouvir e cheirar na vida

Ações	Mais	Menos
Tocar	Pessoas que sente saudades; namorada; amigos e familiares	Coisas frias e nojentas; pessoas que não querem ser tocadas; cobra
Ver	Os amigos; <i>Au lait</i> ; humanidade; coisas mais bonitas	Pinscher; vídeos de Irmãos Bert; desumanidade; pobreza e pessoas se matando; os problemas
Degustar	Chocolate; strogonoff; novos gostos; comidas diferentes; pizza; de tudo	Beterraba; comidas ruins; jiló
Ouvir	Músicas; mais louvor e coisas boas; som da natureza; o silêncio do dia a dia; com mais atenção	Coisas ruins; opinião de machista
Cheirar	As flores; namorada; cheiros bons; perfumes e ar livre; ar da natureza; aroma de uma lasanha; coisa suave e cheirosa	Os meninos na educação física; coisas fedidas

Fonte: André de Paulo Evaristo, com base nas exposições dos participantes no encontro do dia 14/05/2022.

Os sentidos mencionados pelos participantes referem-se a pessoas, natureza e elementos culturais, como alimentos e música, tanto em relação ao que querem tem mais contato quanto menos.

Desenvolver atividades de sensibilização dos sentidos, para adolescentes dessa geração que tem apreço ao tecnológico, é promover oportunidades únicas de explorar novas formas de ver e apreciar a natureza e o mundo. Para Mendonça (2017, p. 37), “quanto mais diversificado o ambiente externo, mais oportunidades cada um terá de criar um rico ambiente interno”. É justamente a isso que a ecosofia NAT de Mazzarino (2021, p. 39) se propõe, pois

ao incorporar natureza, arte e tecnologia, busca provocar a escuta poética, acatar o acaso, as temporalidades humanas não lineares, as derivas, as ecologias menores, a fragilidade, a intuição, a escuta dos desejos, a conversação, assim como o mergulho na natureza, sem escudos, para abrir-se ao reencontro com dimensões adormecidas, para o reconhecimento do lugar habitado, a realocação do ser humano no mundo, a ressignificação das relações, o reavivamento dos sentidos, a redescoberta do potencial criativo.

c) Estado de humor

A partir da média decorrente da avaliação de ânimo realizada pelos adolescentes, foi observado que todos os encontros promoveram aumento do bem estar, do relaxamento e do bom humor e redução da confusão. Os demais parâmetros sofreram variações diferentes nos encontros (TABELA 4).

Tabela 4 – Valores médios da avaliação do estado de humor realizada pelos participantes antes e depois de cada encontro

Parâmetro	Momento	Média dos parâmetros					
		1º	2º	3º	5º	6º	7º
Bem estar	Antes	3,1 a	2,9 b	3,0 a	2,6 a	2,9 a	2,9 a
	Depois	3,5 a	3,6 a	3,5 a	3,4 a	3,3 a	3,8 a
CV (%)		24,04	17,92	23,26	46,58	44,37	25,99
Valor de F		0,88 ^{ns}	6,63 [*]	1,75 ^{ns}	1,32 ^{ns}	0,35 ^{ns}	4,13 ^{ns}
Relaxado	Antes	2,5 b	2,8 a	2,8 a	2,7 a	2,6 a	2,8 a
	Depois	3,6 a	3,4 a	3,6 a	2,9 a	3,1 a	3,0 a
CV (%)		27,42	23,70	22,77	55,11	38,57	45,06
Valor de F		7,17 [*]	2,97 ^{ns}	5,81 [*]	0,03 ^{ns}	0,94 ^{ns}	0,15 ^{ns}
De bom humor	Antes	3,2 a	3,8 a	2,8 a	3,3 a	3,0 a	3,3 a
	Depois	3,6 a	3,9 a	3,8 a	3,9 a	3,9 a	3,6 a

CV (%)		28,43	10,80	29,65	16,73	22,05	23,81
Valor de F		0,58 ^{ns}	0,37 ^{ns}	4,31 ^{ns}	3,20 ^{ns}	4,50 ^{ns}	0,84 ^{ns}
Estressado	Antes	0,0	0,0	0,5 a	0,0	0,1	0,1
	Depois	0,5	0,0	0,0 a	0,0	0,1	0,1
CV (%)		-	-	302,37	-	-	-
Valor de F		-	-	1,75 ^{ns}	-	-	-
Com sono	Antes	0,5 a	0,5 a	0,6 a	0,6 a	0,1 a	1,4 a
	Depois	0,1 a	0,0 b	0,0 b	0,0 a	0,3 a	0,1 b
CV (%)		145,01	151,19	168,35	132,29	203,67	127,24
Valor de F		2,74 ^{ns}	7,00 [*]	5,65 [*]	8,00 [*]	0,37 ^{ns}	6,86 [*]
Irado/com raiva	Antes	0,1	0,1 a	0,1	0,0	0,0	0,1
	Depois	0,0	0,3 a	0,0	0,0	0,1	0,1
CV (%)		-	298,14	-	-	-	-
Valor de F		-	0,20 ^{ns}	-	-	-	-
Confuso	Antes	1,1 a	0,8 a	0,5 a	0,6	0,3	0,3 a
	Depois	0,5 a	0,4 a	0,1 a	0,4	0,1	0,1 a
CV (%)		118,03	145,48	145,01	195,18	203,67	219,67
Valor de F		1,70 ^{ns}	0,84 ^{ns}	2,74 ^{ns}	0,07 ^{ns}	0,37 ^{ns}	0,37 ^{ns}
Ansioso	Antes	2,6 a	3,4 a	2,0 a	1,6 a	0,6 a	0,8 a
	Depois	1,4 a	1,5 b	1,9 a	0,9 a	1,0 a	1,1 a
CV (%)		72,89	48,9	71,5	122,6	171,2	122,2
Valor de F		2,94 ^{ns}	9,90 ^{**}	0,03 ^{ns}	0,81 ^{ns}	0,35 ^{ns}	0,43 ^{ns}
Depressivo	Antes	0,1	0,0	0,0	0,0	2,4 a	2,3 a
	Depois	0,1	0,0	0,0	0,0	1,9 a	1,8 a
CV (%)		-	-	-	-	81,47	103,61
Valor de F		-	-	-	-	0,37 ^{ns}	0,87 ^{ns}

As médias seguidas pela mesma letra na linha não diferem estatisticamente entre si pelo Teste t ao nível de 5% de probabilidade. ¹ Coeficiente de variação. ^{ns}: não significativo. ^{**}: significativo ao nível de 1% de probabilidade; ^{*}: significativo ao nível de 5% de probabilidade. Fonte: André de Paulo Evaristo. Observação: no 4º encontro foi usado outra escala.

A partir dos resultados emergidos na análise integrativa sobre banho de floresta, espera-se ao final das intervenções aumento dos valores para os itens bem-estar, relaxado, de bom humor e com sono, sugerindo, então, que os participantes sairiam da atividade mais relaxados, alegres, sonolentos e com humor elevado. Ainda, espera-se redução dos itens estressado, irado/com raiva, confuso, ansioso e depressivo, de modo que atividades em contato com ambiente natural contribuiria na diminuição do estresse, sentimentos de ira/raiva, confusão, ansiedade e depressão (tristeza).

O aumento da média para estresse no primeiro encontro foi em decorrência do participante Árvores, que estava em 0 (nada), no início do encontro, e foi para 4 (extremamente), no término das atividades, possivelmente influenciado por memórias que emergiram no relaxamento guiado, em que o participante relatou “era a pessoa que eu

mais amava na minha vida inteira e que sempre vai estar em um lugar bom” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022). No encontro três verificou-se redução do estresse ao fim das intervenções, enquanto nos demais encontros não se constataram alterações, pois chegavam pouco estressadas.

No fim dos encontros, os participantes demonstraram estar mais despertos, com exceção do encontro seis, em que a média do grupo foi influenciada pelo aumento da sensação de sono do discente Pássaro (0 – nada antes das intervenções e 1 – um pouco, ao fim do encontro), sendo que para os demais não foi constatado variação para essa avaliação. Tal participante relatou, após as atividades de experiência direta, que envolviam a sensibilização dos sentidos: “eu me senti bem calmo e sonolento, bem *zen*, às vezes eu até esquecia do mundo” (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022). O sono pode estar relacionado a um estado de relaxamento.

Após o relaxamento guiado (FIGURA 2), realizado no primeiro encontro, o participante Pássaro falou que conforme foi imaginando o lugar (sítio com rio, bosque, vento fresco, muitos animais e árvores) o ritmo da sua respiração foi diminuindo, ou seja, foi relaxando (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022).

Figura 2 – Relaxamento guiado



Fonte: André de Paulo Evaristo

O item irado/com raiva sofreu variações distintas nos encontros, cujas médias aumentaram levemente no encontro dois e seis, tiveram pequena queda ao fim das intervenções do dia um e três e não foi influenciada no encontro cinco. Tanto no segundo quanto sexto encontro o aumento da média foi influenciada pela participante Animal – Passarinho, que foi de 0 (nada) para 2 (moderadamente) e de 0 (nada) para 1 (um pouco),

respectivamente. A elevação do segundo dia de intervenções pode ter sido influenciada por situações vivenciadas durante a exploração da floresta para tirar fotos, já que a participante relatou que teve dificuldade em realizar a atividade porque “tive que passar por lugares com espinhos” (DIÁRIO DE CAMPO, 18/04/2022). Na pergunta reflexiva do final do sexto encontro (O que quero cheirar, degustar, tocar, ouvir e ver mais e menos na vida?), a participante mencionou que quer tocar menos “em pessoas que não querem ser tocadas (...) ouvir menos coisas ruins” (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022), o que pode ter elevado seu nível de irritação, já que ela se considera uma pessoa “extrovertida e alegre” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022), mas que por vezes, acredita, que as pessoas a “veem como metida” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022).

Macháčková *et al.* (2021), em estudo com adolescentes entre 12 e 16 anos, ao avaliar o impacto do ambiente florestal em manifestações de agressividade analisaram que a intervenção apresentou redução dos valores finais relacionados à psicopatologia, irritabilidade, inquietação, instabilidade emocional, egocentrismo, relatividade e negativismo.

As médias do parâmetro ansiedade apresentaram redução após intervenções nos encontros 1, 2, 3 e 5, enquanto no 6 e 7 apresentaram leve aumento ao fim do encontro. A média no sexto encontro foi influenciada pelo aumento da ansiedade de 0 (nada) para 4 (extremamente) do participante Árvores, que no momento do *check out* mencionou estar “ansioso para o próximo encontro” (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022), e de 0 (nada) para 2 (um pouco) de Pássaro, talvez por ser o último encontro na floresta, haja vista que em sua biografia salientou: “foi o encontro que nós se despedimos da mata, do cipó² e tudo que havia lá” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022). Já no sétimo encontro, Árvores, Passarinho e Pica-pau demonstraram elevação da ansiedade no fim do encontro, talvez em função do término das intervenções.

O item depressão não sofreu alteração nos encontros 1, 2, 3 e 5 e reduziu no 6 e 7. Após análise da pesquisa, percebemos que esse item poderia ser substituído por “tristeza”, pois em campo os participantes utilizavam a expressão “depressivo” mais no sentido de triste do que em seu sentido depressivo. Tal observação é corroborada com a fala da participante Cipó, no *check out* do encontro 6 (vide TABELA 1).

2 Na atividade de sensibilização dos sentidos mencionou: “eu estava deitado num cipó torto” DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022)

d) Autoconhecimento

Avalia-se que os encontros favorecem o autoconhecimento e, com isso, a autonomia dos participantes no seu processo de desenvolvimento. Movimentações da subjetividade foram observadas conforme as atividades foram acontecendo e os participantes foram se entregando aos convites do mediador.

No primeiro encontro, realizado nas dependências da escola, constatou-se que no começo da atividade teve muito riso, dificuldade para manter o silêncio no início do relaxamento guiado, fala receosa no momento do compartilhamento, apresentando mais facilidade na parte escrita, além de pouca abertura e entrega nas atividades (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022).

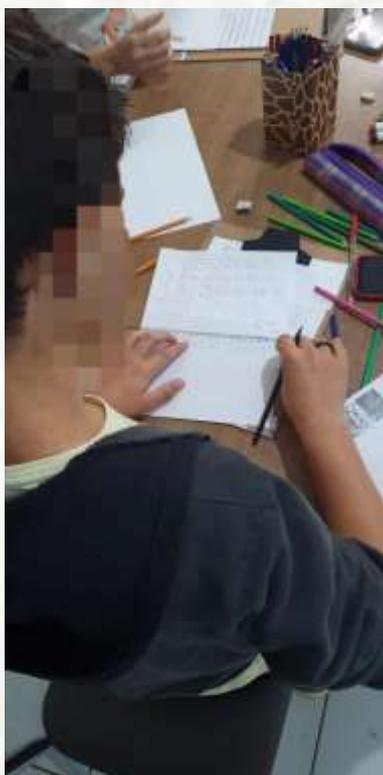
Já no terceiro encontro observou-se maior abertura para o desenvolvimento e compartilhamento das atividades (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2022). Fato esse confirmado ao fim do encontro, quando foi perguntado “No momento do compartilhamento me sinto? Como gostaria que fosse?”. As respostas obtidas foram (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2022): “me sinto um pouco nervoso, mas também me sinto feliz por compartilhar com meus amigos (...) eu gostaria que continuasse desse jeito” (Raiz); “Agora me sinto bem. No começo era estranho, mas agora é normal (...) na verdade como está agora é perfeito” (Pica-pau); “eu me sinto bem conhecendo os outros, sabendo mais sobre eles. E gosto dos outros saberem sobre mim também” (Pássaro); “muito feliz, porque eu não iria compartilhar isso com ninguém e nesse nosso compartilhamento me sinto seguro” (Árvores); “eu me sinto bem, não estou mais com vergonha igual ao primeiro encontro, me sinto bem de compartilhar o que eu penso e sinto com as pessoas (...) eu não mudaria nada, a única coisa que eu mudaria era a hora de ir embora, eu queira que fosse umas 14h30min” (Passarinho).

O compartilhamento do sétimo encontro foi realizado de maneira diferente dos demais. Cada participante leu individualmente a narrativa de todos os colegas, ao invés da exposição do próprio participante como vinha ocorrendo, visualizando-se maior potencialidade de introspecção dessa maneira.

Mendonça (2017) destaca a importância do compartilhamento, pois auxilia os participantes a tomarem consciência e dar nome à experiência que vivenciaram, passando a fazer parte da sua história, e, ouvindo a fala dos demais, o aprendizado é amplificado, dando espaço, muitas vezes, à identificação de pontos inerentes à própria experiência.

Um questionário gera reflexão, um convite para escrever leva Pássaro a um maior contato com as emoções: “os encontros foram muito bons [...] também para conhecer um pouco mais de mim mesmo com os questionários” “(em resposta à pergunta disparadora do 7º encontro: O que pulsou no grupo e nas vivências?); “foi o dia que mais me fez pensar e refletir sobre as coisas do dia a dia e fez escrever um pouco dos meus sentimentos e etc.” (na autobiografia, falando sobre o 3º encontro – FIGURA 3) (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

Figura 3 – Construção da autobiografia a partir das intervenções realizadas na pesquisa



Fonte: André de Paulo Evaristo

A partir das perguntas de uma entrevista Cipó precisou pensar sobre si para descrever-se. Pensar gerou autonomia: “sim muitas coisas, pensamento, modo de pensar, consegui me ajudar bastante” (pergunta reflexiva do 7º encontro: Mudou algo em você, ou para você, depois do início dos encontros até aqui?); “nunca fui entrevistada e aquilo, vamos dizer, me fez pensar melhor e me descrever” (autobiografia) (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

Ao falar sobre a dinâmica prosa (FIGURA 4), Pica-Pau mencionou que as perguntas eram difíceis, mais que provas, pois nas avaliações é só pegar do livro. Passarinho

concordou com a exposição do colega, mencionando que as questões eram “difíceis porque é sobre a gente” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022). Greenhalgh-Spencer (2014) menciona que a ecosofia guattariana busca justamente provocar instabilidade sobre a identidade, sobre as relações ou do que é conhecido, no anseio de criar espaço para algo novo.

Figura 4 – Dinâmica prosa



Fonte: André de Paulo Evaristo

Os encontros provocaram abertura de si para o outro, e isso transformou Árvore: “acho que agora consigo me abrir um pouco com as pessoas que eu gosto. Tudo mais. Acho que irei me abrir mais com algumas pessoas e não vou ser mais a mesma pessoa que eu era antes” (em resposta à pergunta reflexiva pós compartilhamento do 7º encontro: Mudou algo em você, ou para você, depois do início dos encontros até aqui?) (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

Aspectos subjetivos e físicos foram registrados pelos participantes na atividade olho vivo, realizada no sétimo encontro, na qual foi solicitado que fotografassem, no ambiente, algo que lembrasse a si mesmo. Animal – Passarinho registrou “árvore que foi cortada, está pequena, mas ela vai crescer, porque eu sou pequena, mas eu vou crescer” (FIGURA 5), enquanto Pica-pau capturou “uma árvore fina” (FIGURA 6) como representações de si (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022).

Figura 5 – Foto registrada pela participante Animal - Passarinho que lembra ela mesma



Fonte: Participante Animal - Passarinho.

Figura 6 – Foto registrada pelo participante Pica-pau que lembra ele mesmo



Fonte: Participante Pica-pau.

A subjetividade se modifica na relação social e, nisto, o ambiente natural também atuou como facilitador, demonstrando sua potencialidade para influenciar o autodesenvolvimento: “estando ao ar livre, os sentidos são estimulados e todos tendem a se sentir melhor, mais inteiros, mais plenos” (MENDONÇA, 2017, p. 163).

Ecologia social

O ser humano é um animal sociável por natureza, e o período de pandemia pela COVID-19 evidenciou a carência de contato direto e de conexão com outras pessoas. As relações tendem a sofrer modificações ao longo da nossa existência, seja pelas mudanças de ambiente físico ou acontecimentos que afetam essas conexões. Para Mendonça (2017), quando indivíduos oriundos de diferentes contextos sociais, culturais e naturais têm suas individualidades e diferenças respeitadas nas interações mostram-se mais preparadas para atuar nos processos de desenvolvimento social. A Ecologia social trouxe três subcategorias: a) Proximidade, b) Sinergia e c) Por um fio.

a) Proximidade

Durante o desenvolvimento das atividades escolhidas para as intervenções, especialmente naquelas realizadas na floresta, percebeu-se que dinâmicas em grupo geravam engajamento e estimulavam a participação. Raiz, em sua autobiografia das experiências, expôs que o quarto encontro “foi um pouco chato porque a gente não interagiu uns com os outros” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022). Para ele “o que se destacou mais [...] era quando nós sentávamos e fazíamos o compartilhamento do que a gente tinha feito. Acho isso uma das melhores coisas, porque era onde todo mundo se juntava, um do lado do outro, brincava e tudo mais” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022). A redução nas relações sociais devido à pandemia, assim como a fase de idade que os participantes estão podem influenciar essa busca por proximidade social.

Mesmo estudando na mesma sala, os participantes não demonstravam manter relações de proximidade entre si, fato observado em função do relato de Raiz e Passarinho, em suas autobiografias. “Quando o Preguiça me entrevistou eu senti que estava começando uma nova amizade, pois nunca havia conversado com ele”, relata Raiz (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022). “Eu achei a entrevista muito legal porque eu fiquei sabendo mais sobre quem me entrevistou”, disse Passarinho (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022). Ainda, Passarinho elencou: “passei a conhecer mais as pessoas do grupo” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

Semelhante aos resultados verificados nesta pesquisa, Röhrs (2020) analisou que intervenções envolvendo a educação ambiental ecosófica, com um grupo de nove

mulheres rurais no município de Lagoão – RS, promoveu fortalecimento dos vínculos sociais e afetivos do grupo. Maffesoli (2021) pontua que um dos pontos principais da sensibilidade ecosófica pós-moderna é a “reanimação” do modo de vida em grupo, através do reconhecimento da força vital que anima a vida natural.

As atividades em dupla mostraram ser um elemento pulsante no grupo/vivências (FIGURA 7). Na atividade olho vivo os participantes ficaram mais animados do que na dinâmica aguçar os sentidos, pois era executada em dupla. Ambas dinâmicas realizadas no sexto encontro (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022).

Figura 7 – Dinâmica olho vivo



Fonte: André de Paulo Evaristo

Em adição, Preguiça contou, na pergunta reflexiva pós compartilhamento do sétimo encontro (Mudou algo em você, ou para você, depois do início dos encontros até aqui?), que após o início dos encontros “mudou mais as amizades e umas novas coisas para melhor” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022). De acordo com os participantes, as relações sociais podem ser melhoradas a partir do respeito mútuo, educação, gentileza, compreensão, coragem para se expressar, fazendo amizades e fortalecendo aquelas feitas anteriormente (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2022). É preciso, então, maior inclusão desses aspectos na ecologia social atual, de modo a fortalecer as conexões em grupo.

Moscovici (2007) pontua que quando as pessoas não se reconhecem mais, e ao serem vizinhos e não procuram se conhecer, não é o fato deles não terem esse anseio ou se sentirem estranhos, mas porque perderam uma individualidade perceptível, cuja

qualidade já se fazia presente neles. A retomada deste atributo parece ser o que foi presenciado nestes momentos.

b) Sinergia

No início da dinâmica Poema dobrado, realizada no sétimo encontro, os participantes ficaram um pouco confusos e pensativos, mas no final apreciaram bastante a intervenção, tanto que dois participantes, Cipó e Pássaro, queriam que o grupo produzisse outro poema (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022). A sinergia do grupo foi evidenciada nessa atividade, em que cada participante compôs duas linhas do texto, em duas rodadas de escrita.

Elementos ou situações vivenciadas previamente nos encontros surgiram em meio à escrita, podendo ser relacionadas à tríade ecosófica de Guattari. Na ecologia subjetiva, Árvores dissertou que “foi uma dinâmica bem irada, consegui me abrir com as pessoas”. Outros participantes também pontuaram a diversão vivenciada nas intervenções (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

Em direção a ecologia social, pontua-se: “fiz novas amizades”, “conheci mais as pessoas”, “com todos sempre rindo”; enquanto “encontrei muitos bichos”, “eu vi uns macacos”, “ouvi uns barulhos de pica-pau”, “eu ouvi os pássaros cantando”, e “os sons da mata e dos animais” segue em direção a ecologia ambiental (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022). Analisa-se que, mesmo sem comunicação verbal entre os adolescentes, e tendo acesso apenas à frase escrita pelo participante anterior, a dinâmica contribuiu para que os participantes evidenciassem conexões existentes entre si e suas experiências pessoais durante o período de pesquisa.

c) Por um fio

A partir do Diagrama de Veen (FIGURA 8), pode ser observado os elementos que fazem parte das relações sociais dos participantes com maior proximidade e distanciamento. Pessoas e elementos não humanos foram alguns dos citados pelos adolescentes: Deus, familiares, amigos, outros participantes da pesquisa, professores, colegas da escola, paz, animais de estimação, animais da floresta, árvores (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2022).

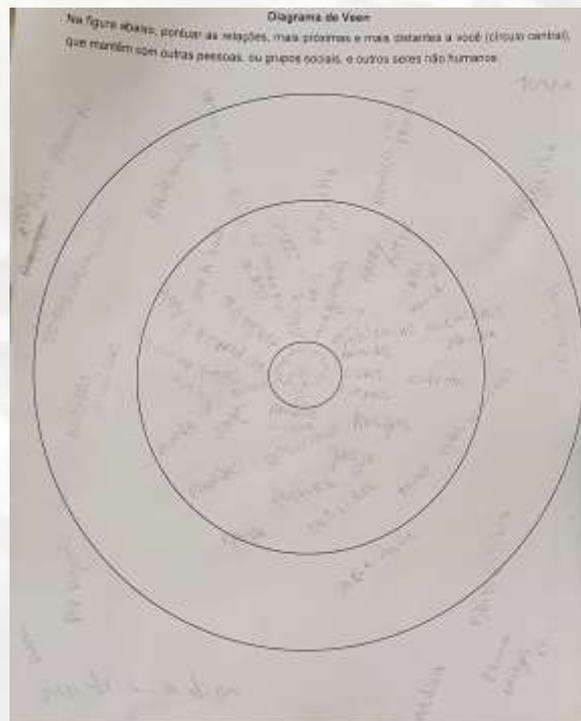
Figura 8 – Construção individual do Diagrama de Veen



Fonte: André de Paulo Evaristo

A participante Cipó foi a que citou a maior quantidade de elementos que fazem parte de suas relações próximas ou distantes (FIGURA 9), elencando que suas conexões com as pessoas e com o ambiente natural apresentam variações distintas, pois com alguns familiares e amigos essas relações estavam estremecidas, enquanto com os animais e natureza demonstrava conexão estável (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2022).

Figura 9 - Diagrama de Veen da participante Cipó



Fonte: Participante Cipó.

Um dos temas que permeou a ecologia social nos encontros foi o fato de alguns dos adolescentes citarem a relação conflituosa com a família. Árvore mencionou que “não tenho tocado muito minha família”, mas com seus amigos tem se “conectado muito” (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022). “Eu não tenho uma relação muito boa com minha família” (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022), disse registrando palmeiras espinhosas como representação dessa sua relação com a família (FIGURA 10).

Figura 10 – Foto registrada pelo participante Árvore que simboliza a relação com sua família



Fonte: Participante Árvore.

De encontro a citação de Árvore, Pica-pau citou familiares como relações distantes em seu Diagrama de Veen e deu a legenda “uma folha feia” para o registro fotográfico em alusão a sua relação com a família (FIGURA 11) (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022). Ainda, Animal - Passarinho colocou pai e mãe fora do seu diagrama e pontuou que (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2022)

meus barbantes [conexões] com minha família está meio poluído porque eles me julgam muito pelo meu jeito de ser. Meus amigos estão bem, o barbante junto deles sempre me faz feliz, mas não são todos da minha família.

Figura 11 – Foto registrada pelo participante Pica-pau que simboliza a relação com sua família



Fonte: Participante Pica-pau.

No seu Diagrama de Veen, Raiz citou a mãe, amigos de outras cidades, familiares e pessoas que o fizeram mal como as mais distantes. Esse é um possível motivo de ter registrado um tronco quebrado simbolizando sua relação com a família (FIGURA 12).

Figura 12 – Foto registrada pelo participante Raiz que simboliza a relação com sua família



Fonte: Participante Raiz.

Para Silva (2015), a adolescência é um período de transição de criança para adulto, que gera confusão, contradições, ambivalências e conflitos no meio familiar e social, requerendo tanto do adolescente quanto dos familiares novas posturas.

Um problema social elencado, ao longo dos encontros pelos adolescentes, foi o *bullying*, ou aspectos correlatos, caracterizado por eles como brincadeiras de mal gosto, apelidos inconvenientes e críticas as pessoas por serem quem são. Um estudo realizado em São Paulo, com 968 estudantes com idade entre 14 e 19 anos, revelou que quase 78% dos participantes relataram, pelo menos, uma ocorrência de *bullying* nos últimos seis meses (VIEIRA JUNIOR; VIEIRA; MORETTI, 2020).

Adicionalmente, em trabalho publicado por Silva *et al.* (2018), com dados vindos da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, indicou que 7,2% do total de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, de escolas públicas e privadas pesquisados (n=109.104), apresentaram estar conectados a situações de *bullying* na condição de vítimas. Os autores verificaram que diante dessa situação os alunos sentem-se mais solitários, reduzem o círculo de amizades, tem mais insônia, aumentam as faltas escolares e experimentam drogas. Nesse sentido, destaca-se a importância do trabalho desse tema nas escolas por projetos interdisciplinares e contínuos.

Ecologia ambiental

Na visão de Mendonça (2017) estamos vivendo um período de desconexão com a natureza, especialmente as crianças, onde a maioria das pessoas têm mantido uma relação não só de pouca proximidade, como também utilitária do ambiente, e, por consequência, das áreas verdes, o que transforma profundamente a maneira como pensamos, vivemos, sentimos e agimos. A Ecologia ambiental será analisada a partir de três subcategorias: a) Distanciamento da natureza, b) Identificação de problemas socioambientais e c) Micro-habitat.

a) Distanciamento da natureza

Para Mendonça (2017, p. 23-24)

ao nos afastarmos da natureza para construir um mundo que fosse mais controlado e confortável, nos afastamos também do nosso

corpo, que é a natureza que somos, dando mais importância ao pensamento, às descobertas científicas e ao conhecimento consolidado.

Esse distanciamento foi evidenciado durante a pesquisa, quando o participante Pica-pau relatou em sua autobiografia, ao mencionar o segundo encontro, que “hoje iremos a floresta e sinceramente eu estou muito animado, nunca fiz nada do tipo” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022). Raiz, expôs que apesar de seu contato com árvores e ambientes de floresta ser pequeno, procura sempre frequentar áreas assim porque gosta, enquanto Passarinho comentou que tem um pouco de contato, por morar no sítio, mas fica mais dentro de casa (DIÁRIO DE CAMPO, 18/04/2022).

De modo geral, os participantes ficavam bastante eufóricos e com anseio de explorar o ambiente (entrar na mata, como diziam). No segundo encontro, todos os participantes se mostraram muito empolgados para entrar na floresta e explorar o ambiente (DIÁRIO DE CAMPO, 18/04/2022). Tanto que esse aspecto apareceu nos relatos de Preguiça e Raiz, respectivamente: “a participação com a floresta é muito boa” (em resposta à pergunta “Como avalia sua participação nos encontros?”), após o compartilhamento no sétimo encontro), “era bom também quando a gente ia fazer nossas pesquisas e tinha que andar no mato” (na resposta à pergunta disparadora do sétimo encontro: “O que pulsou no grupo e nas vivências?”) (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

Além disso, no início do sexto encontro, último na floresta, os participantes se manifestaram tristes por ser a última reunião na mata, além de estarem bem dispersos e com certa dificuldade de concentração. No final desta intervenção se manifestaram novamente com sentimentos de tristeza por não terem a previsão de retorno naquele ambiente natural (DIÁRIO DE CAMPO, 14/05/2022). Em adição, no sétimo encontro Raiz mencionou: “minha relação com a natureza melhorou” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2022).

Analisa-se que a reaproximação e contato direto com a floresta ao longo dos encontros contribuiu no sentimento de pertencimento e sentimento de semelhança aos aspectos não-humanos. Haja vista que após a experiência direta, realizada no segundo encontro da pesquisa – primeiro na floresta (FIGURA 13), Cipó, Pica-pau, Passarinho, Raiz e Pássaro mencionaram dificuldades em se identificar com os elementos fotografados e com as características que haviam atribuídas a tais itens (DIÁRIO DE CAMPO, 18/04/2022). Animal - Passarinho expôs que “eu acho que não me identifico com nada, eu sou única. Talvez no fato das raízes” (DIÁRIO DE CAMPO, 18/04/2022). O participante

Árvores (DIÁRIO DE CAMPO, 18/04/2022) comentou que teve “muita dificuldade, porque nunca tinha feito isso, nunca me visualizei com alguns aspectos da natureza, então por ser a primeira vez tive bastante dificuldade”.

Em contraposição ao encontro anterior, já na pergunta disparadora do terceiro dia de intervenções (Se minhas relações sociais fossem uma floresta, como ela seria? Quem seriam as árvores? Que outras partes da floresta eu incluiria? Como estes elementos se relacionariam?), os participantes conseguiram perceber mais facilmente as relações entre os elementos naturais como sendo aspectos humanos: “as árvores seriam as casas, as pedras e as flores seriam as pessoas, porque algumas são boas e outras ruins” (Cipó); “as árvores seriam a minha família” (Passarinho, Pássaro, Preguiça e Árvores); “os pássaros seriam meus amigos que ficam cantando e voando por aí” (Pássaro); “eu seria uma árvore um pouco agitada” (Pica-pau) (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2022).

Figura 13 – Participantes registrando suas fotografias na floresta



Fonte: André de Paulo Evaristo

Essas observações vão ao encontro dos pressupostos do movimento da Ecologia Profunda de Naess (2008), que valoriza a autoidentificação com a natureza, em face a interligação do ser humano aos processos naturais, num sentido de extensão da

humanidade. Para o autor, a intensidade dessa identificação sofre influência do entorno, da cultura e de condições econômicas.

b) Identificação de problemas socioambientais

O tema do quinto encontro foram os problemas socioambientais na Amazônia e a forma que eles poderiam se sentir afetados, através da dinâmica encadeamento e a espiral do Trabalho Que Reconecta (TQR) (FIGURAS 14 e 15). Eles identificaram como problemas o desmatamento, queimadas, mineração dos rios, extinção de animais, falta de cuidado do governo com a Amazônia, caça e lixo. Os efeitos advindos desses processos são variados, pois “com o desmatamento podemos ficar muitas vezes perdendo alguns animais que são importantes para a flora” (Pássaro), pode danificar o oxigênio (Pica-pau e Passarinho) e promover a extinção de alguns animais (Animal - Passarinho), além do fato de que “estão desmatando a natureza e nós seres humanos precisamos dela pra sobreviver, ela que traz nosso oxigênio e também a tranquilidade” (Árvores) (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022). As exposições dos participantes alinham a exposição de Maffesoli (2021, p. 45) que menciona que a reversibilidade orgânica entre ser humano e natureza “consiste em estar em um ambiente, parte integrante de algo que nos ultrapassa e de que somos membros”.

Figura 14 – Dinâmica encadeamento



Fonte: André de Paulo Evaristo

Figura 15 - Participante fazendo as anotações referente ao espiral do Trabalho Que Reconecta (TQR)



Fonte: André de Paulo Evaristo

O futuro da Amazônia, na imaginação dos adolescentes, depende da tomada de decisão atual. Anseiam por “uma Amazônia sem desmatamentos, cheia de animais, árvores, ou seja, a Amazônia que era antes” (Passarinho), com a presença de “árvores novas, menos desmatamento e muitos animais” (Preguiça) (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022). O participante Pássaro espera redução do desmatamento e reflorestamento dos ambientes, mesmo que perceba ser algo bem difícil de acontecer. O discente Árvores anseia que no futuro a Amazônia possa ser “bem calma, sem desmatamento, sem animais mortos e todas as pessoas andando nela, vendo como ela é bem quieta, relaxante, calma e feliz” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022). Entretanto há visões menos otimistas.

Para Animal – Passarinho a Amazônia futuramente será “quase sem floresta”, enquanto Pica-pau analisa que “se não preservar acho que vai ser uma floresta destruída”. Já Cipó acredita que será “cheio de prédio e casa, 3% da floresta e muita água e pouco animal aquático” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022).

Quanto ao futuro do planeta, Pica-pau acredita que haverá avanços tecnológicos, enquanto Cipó prevê que “não vai ser bom como os outros falam [...] não vai ter muita vida e, ainda, acho que o povo vai morar em marte” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022). Pássaro gosta de pensar que “o planeta vai ser menos poluído pelo avanço dos carros elétricos, vai diminuir o consumo de plástico e abrindo espaço para materiais biodegradáveis” (DIÁRIO

DE CAMPO, 09/05/2022). A participante Passarinho (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022) manifestou-se

triste em pensar que o mundo em que vivemos no futuro possa acabar, com pessoas arrogantes, com guerras, com parentes matando parentes, ou seja o mundo estará totalmente diferente, as crianças não vão querer brincar com os outros e vão ficar só no celular.

Enquanto isso, Animal – Passarinho (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022) diz que “sempre penso no apocalipse e vai cair meteoro, fim do mundo, Jesus voltando, sem floresta, situação precária, fome, mas não é isso que eu quero para o mundo, o que eu quero é um mundo sem violência”.

Expectativas otimistas são compartilhadas por Preguiça, que imagina “o futuro mais lindo, com mais pessoas e novos amigos e a natureza esteja mais bonita e com mais animais” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022). Já Árvores aspira viver como “era antes de existir o desmatamento ambiental no mundo, antes da poluição dos rios e vejo ele como um planeta perfeito” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/05/2022).

No quinto encontro foi trabalhada a espiral do Trabalho Que Reconecta (TQR) (MACY, 2020). Na etapa Honrando Nossa Dor pelo Mundo foram aprofundados os problemas do mundo que afligem os adolescentes, especialmente aqueles relacionados ao meio ambiente. Essa análise se encontra na tabela 5.

Tabela 5 - Problemas do mundo que afligem os participantes

Participante	Problemática apontada
Pica-pau	Saber que daqui a bilhões de ano o sol vai explodir e o planeta vai morrer
Pássaro	Muita violência, assassinatos e suicídios, roubos, desmatamento
Passarinho	Pessoas que só pensam em fazer o mal as outras, que só pensam em si e aquelas que estragam suas vidas no mundo das drogas. Poluições do meio ambiente e desmatamentos
Animal – Passarinho	As pessoas, o desmatamento, queimada e poluição
Preguiça	Brigas, fome, pessoas que não tem onde morar e as guerras
Árvores	Bullying, a falta de respeito, as pessoas que não tem paz e amor no coração, o desmatamento e a poluição dos rios

Cipó	Falta de respeito, o bullying, desmatamento, a falta de cuidado com os animais, a poluição, a fome, a pobreza, falta de interesse com a história, o roubo, machismo e a morte
------	---

Fonte: André de Paulo Evaristo, com base no TQR do encontro realizado dia 09/05/2022.

Analisa-se que os problemas socioambientais globais foram os mais citados. Essas problemáticas, após análise dos dados, foram consideradas amplas demais para que os participantes pudessem firmar e cumprir compromissos práticos, e alcançar a norma 13 da ecossófia T, proposta por Naess (2008): Autodeterminação. Entendemos que faltou astúcia do mediador em direcionar os apontamentos para questões que gerem alguma proximidade, de modo a possibilitar ações práticas dos participantes, o trabalho que reconecta.

c) Micro-habitat

Para Tuan (2011, p. 5) “lugar é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas”, ou seja, é onde criamos laços, seja com o ambiente e com os elementos ou com pessoas que ali se fazem presentes. Os participantes foram levados a “viajar” para a esse lugar na atividade relaxamento guiado, realizado no primeiro encontro, a partir da instrução “imagine um lugar que lhe transmita paz, calma e sensação de bem estar”. Preguiça e Pica-pau relataram que se visualizaram em seu quarto e na sala de casa, respectivamente (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022).

Em adição, a maioria dos participantes expôs ambientes naturais ou com a presença de aspectos da natureza. Pássaro estava em um sítio, com um rio, bosque, vento fresco e muitos animais e árvores, enquanto Passarinho visualizou “o sítio dos avós. Tinha muitas árvores, morros altos, tinha as casas dos meus tios, tinha represas, matas. É lá que me sinto segura” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022). Raiz vislumbrou um jardim, com árvores, flores e pássaros. Para Cipó emergiu um lugar verde, numa floresta como nos livros, em um dia fresco e calmo, ouvindo os sons dos animais, deitada na rede na área de uma casa com chalé, bebendo achocolatado cremoso e lendo um livro (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022).

Árvores descreveu “era um lugar cheio de flores”, enquanto Animal - Passarinho foi levada ao paraíso, lá no céu, junto de Deus, da natureza, de animais e de pessoas, e lá estava muito calmo e “com toda glória de Deus” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022). Como

estava relaxada, se imaginou embaixo de uma árvore, elemento que justamente foi seu registro de simbolização de sua relação com a mata (FIGURA 16).

Figura 16 – Foto registrada pela participante Animal - Passarinho que simboliza a sua relação com a Floresta Amazônica



Fonte: Participante Animal - Passarinho.

Quando questionados “em quais ambientes quero fixar minhas raízes?”, a maior parte dos adolescentes citaram que anseiam pelo contato com a natureza ou com aspectos correlatos a ela: “em um lugar onde a natureza estivesse presente” (Árvores), “eu quero ficar no sítio com muitas árvores e plantas” (Preguiça), “na cidade, mas em um local com muitas plantas, misturando ambiente da cidade com a floresta” (Raiz), “em algum lugar calmo, um lugar tranquilo, tipo numa fazenda” (Pássaro) (DIÁRIO DE CAMPO, 09/04/2022).

O fato de ambientes naturais terem surgido no relaxamento guiado como lugar seguro e de paz, assim como locais para fixação de raízes pelos participantes pode ser, de acordo com Moscovici (2007, p. 101),

um chamado a revivificar a união entre os homens e a natureza, como ela que aflora em volta deles, permitindo imaginar toda uma existência selvagem, pacificada, num ambiente próximo e caloroso, com respiração e com visão de homem e mesmo ao nível de corpo de homem, animado de uma energia fresca, liberando-se de apatia fútil e inconsequente da rotina civilizada. Sim, é em nós mesmos que

celebramos nosso próprio retorno, nosso desejo de viver efetivamente dentro da natureza.

Essa ligação da pessoa com seu ambiente natural, de acordo com Maffesoli (2021), possibilita que ela se reconecte com seu ambiente social. Para o autor (2021, p. 23-24)

por meio dessas 'ligações', a pessoa, vivendo por meio da sua comunidade e graças a ela, retorna, com a mente aberta, à ampla morada da vida, a vida do mundo. E não por meio da ação política, mas por meio de uma comunhão secreta com a terra-mãe.

Percebe-se que os encontros ecosóficos em contato com a floresta amazônica, para os adolescentes, foram ocasiões de participação em atividades que não fazem parte do seu cotidiano, ampliando o contato com ambientes naturais, contribuindo na melhoria da relação com a floresta, além de proporcionar momentos de autoconhecimento, criação e estreitamento de laços, ao ponto de sentirem-se confortáveis em falar sobre si para o coletivo. Ademais, enquanto mediador, analisei que atividades que envolvam interação em duplas ou grupo se mostraram mais engajadas pelos adolescentes.

Moscovici (2007) pontua que o reencantamento do mundo, não direcionado somente a remediar problemas de nosso modo de vida atual, mas voltado ao experimentar formas inovadoras de vida, perpassa o contato. Para ele, uma sequência de trocas redirecionam ciência, senso comum e artes, levando ao encontro de domínios da realidade e da prática, em que as linguagens e as teorias poderiam se reencontrar. A partir das intervenções realizadas nesta pesquisa, verifica-se essa conexão proposta pelo autor, quando se observou que as tecnologias sociais, de mídia e atividades de contato direto com a natureza contribuíram na criação e/ou fortalecimento de territórios subjetivos, sociais e na relação com a floresta, o que se verificou por meio das expressões artísticas.

A ecosofia possibilitou a criação de paisagens inventivas na Amazônia, que perpassaram subjetividades, as relações sociais e com o bioma. O ambiente amazônico demonstrou ser um espaço potente para a realização dessas atividades, favorecendo essa (re) aproximação e (re) conexão com os ambientes naturais, que fazem parte da nossa vida e que, muitas vezes, ficam à margem do cotidiano.

Foram observadas movimentações da tríade ecosófica, tais como abertura ao diálogo com pessoas próximas, autoconhecimento, mudanças no modo de pensar,



experiência de autoajuda, aumento do bem estar, relaxamento, autoconhecimento, redução da confusão e da ansiedade (ecologia subjetiva), criação de laços, fortalecimento das relações do grupo (ecologia social), além de melhoria na relação com a floresta, (re) aproximação com ambientes naturais e reflexão sobre problemas socioambientais (ecologia ambiental). Desse modo, a metodologia Ecosofia NAT, configurada a partir da influência de abordagens diversas - artística, das tecnologias sociais, dos banhos de floresta e da Sharing Nature - dinamizou as dimensões da Ecologia Profunda, que, quando vividas intimamente, gera a invenção da ecosofia de si.



VI – A abordagem Sharing Nature
como prática de Ecologia Profunda

A abordagem *Sharing Nature* como prática de Ecologia Profunda

A Ecologia Profunda nos desafia a desenvolver uma cosmovisão biocêntrica, em que possamos nos relacionar com o mundo vivo de forma igualitária, uma vez que, dentre tantas evidências, temos origem e destino comum com todos os seres vivos. Tal cosmovisão não faz parte de como nos entendemos nesta sociedade no interior da qual nascemos, muito pelo contrário. Nossa sociedade atual estrutura-se a partir do mundo Europeu que invadiu e colonizou estas terras desde há 524 anos. Este processo ainda não terminou e talvez ainda esteja longe de ser transformado em uma sociedade justa e equilibrada entre os seres humanos e destes com todo o mundo vivo. As sociedades que consideramos ocidentais foram se transformando ao longo do tempo, e há cerca de 200 anos consolidaram a visão de que os seres humanos são os donos e senhores desta Terra. Os povos que consideravam as plantas e animais como seus parentes e viviam, e vivem, de forma integrada aos demais habitantes não humanos de seus territórios, passaram a ser marginalizados e perseguidos. As plantas, os animais, os minerais passaram a ser vistos como recursos, sem alma, passíveis de serem manipulados e utilizados para estarem a serviço das sociedades humanas em processo intenso de industrialização.

Não foi assim que vivemos, como humanidade, durante milhares de anos. Até meados do século 19, nos meios científicos da Europa, ainda viviam percepções de que o mundo natural era um todo complexo e dinâmico do qual todos faziam parte, inclusive os humanos (ABRAM,1991). A partir dessa época o entendimento de que os seres humanos seriam superiores foi se consolidando abrindo as possibilidades do desenvolvimento técnico e científico e da industrialização, tais como os vivenciamos na atualidade.

A Teoria da Evolução proposta por Charles Darwin, em 1859, teve diversas interpretações para além de sua proposta, e acabou sendo apropriada por aqueles que concordavam que os seres humanos seriam superiores e podiam colocar todas as expressões da vida na Terra a seu serviço. Assim, o que hoje consideramos ciência é resultado de um processo de transformação da ideia de Natureza e, desde esse período, fazer experimentações com sacrifício de animais e plantas para descobrir os segredos da Natureza, foram aos poucos – mas rapidamente – penetrando nas mentes das pessoas, se tornando procedimentos naturais da pesquisa científica.

Isso ocorreu inicialmente na Europa, e com a expansão da dinâmica de colonização e subjugação de outros povos, passou a penetrar nas mentes de praticamente no mundo todo. Digo praticamente porque os povos tradicionais ao redor do globo, apesar de terem sido brutalmente violentados, não se convenceram dessa ideia de superioridade humana sobre o mundo natural e ainda vivem de acordo com suas percepções de integralidade com a Natureza.

A consolidação da ciência como é praticada hoje, a predominância do mundo industrial, a organização das sociedades com foco na economia e na ideia de crescimento ilimitado, o entendimento de que tudo o que não é humano é recurso natural (e mesmo certas categorias de seres humanos, os trabalhadores são recursos humanos), fazem parte de uma mesma lógica, que tem afetado violentamente a alma do mundo. Os ambientes naturais estão fragmentados, a produção de alimentos é artificializada até no nível mais íntimo das plantas e animais pelas manipulações genéticas, o ar e as águas estão poluídos, alteramos de tal forma a dinâmica natural do Planeta que chegamos ao ponto de alterar o seu clima, com a perda dos mecanismos reguladores, que antes garantiam sua estabilidade. Fazem parte dessa lógica as desigualdades sociais e todo tipo de segregação no interior da sociedade.

Se retomo tudo isso, que possivelmente a leitora/leitor já sabe, é para nos lembrar do contexto onde estamos, o modelo mental dentro do qual vivemos e o contexto de onde emerge a Ecologia Profunda e, pouco mais tarde, a *Sharing Nature* e sua importância neste mundo em transformação.

Uma mulher muito sensível, uma escritora já conhecida que publicava seus textos desde jovem e reconhecida como importante bióloga marinha, surpreendeu-se ao descobrir, nos anos de 1950, que os efeitos da industrialização e consequente contaminação das águas marinhas estavam provocando malformações e câncer nos peixes. A poluição atmosférica estava diminuindo a população de pássaros que costumava observar. Em 1962 Rachel Carlson publicou o livro *Primavera Silenciosa*, com essas denúncias, que, apesar de estarem cientificamente comprovadas, foram violentamente recusadas causando grande polêmica no ambiente científico nos Estados Unidos e depois no mundo todo.

Este livro, *Primavera Silenciosa*, publicado em 1962, (CARLSON, 1994) é considerado um marco importante, pois foi a fonte a partir da qual nasceram os movimentos ambientalistas. Na década de 1960 eclodiram inúmeros movimentos de contracultura: pacifistas, feministas, antirracistas, ambientalistas, entre outros, todos

apontando para as falhas e incongruências da sociedade e anunciando como queriam que o mundo se tornasse. Em mais uma década e as questões ambientais já eram assunto de governos, apesar de ainda hoje serem marginais, diante da truculência da lógica de mercado.

Com o crescimento dos movimentos em defesa do meio ambiente, um jovem filósofo já muito conhecido em seu país, a Noruega – tinha sido o mais jovem professor de filosofia contratado pela Universidade de Oslo – começou a refletir sobre os movimentos ambientalistas. Ele também era montanhista e tinha uma profunda ligação com as montanhas, mas com uma em particular, onde construiu uma cabana e lá passou longos períodos. Suas experiências com a Natureza somadas a suas reflexões filosóficas deram nascimento ao que ele chamou de Ecologia Profunda. Seu nome, Arne Naess.

Apesar de reconhecer a importância dos movimentos ambientalistas – ele mesmo participou da fundação do Partido Verde na Noruega – afirmava que leis e regras não seriam suficientes para mudar a situação, e que a questão ambiental precisava ser tratada com mais profundidade, pois diante dos problemas que estávamos (e estamos!) enfrentando, uma mudança no modelo mental é que é necessária. Ele estava criticando o próprio antropocentrismo afirmando que nossa posição no mundo vivo é tão importante quanto a dos demais seres.

Em 1972 publicou um artigo intitulado “The shallow and the deep”³, um resumo de sua palestra na Terceira Conferência sobre o Futuro do Terceiro Mundo, realizada em Bucareste de 3 a 10 de setembro de 1972. Ali ele esclarece sobre as limitações dos movimentos unicamente preocupados com os efeitos da industrialização, tais como a poluição, por exemplo, mas não com suas causas. Dessa forma não seria possível resolver tais problemas, pois sempre vão aparecer novos sintomas. Ele explica sua visão biocêntrica do mundo, considerando que as sociedades humanas não estão separadas da dinâmica global do planeta, nem deve ter privilégios sobre ela.

Apesar de ser uma postura aparentemente arrogante, uma vez que diminui a importância dos gigantescos esforços feitos pelos movimentos ambientalistas em todo o mundo, trata-se de uma visão que nos convida a um senso de humildade, de resgate de nosso posicionamento no mundo como irmãos, como seres tão importantes quanto o tamanduá ou as araucárias. O antropólogo norte americano David Abram (2005) avança na distinção entre a ecologia profunda e a ecologia restrita ao pensamento científico: a

3 O superficial e o profundo, tradução da autora

Ecologia Profunda pressupõe uma participação na dinâmica viva do planeta, pressupõe uma reciprocidade com os outros seres. Reconhece as especificidades humanas, que devem ser colocadas a serviço do metabolismo desse imenso corpo planetário do qual fazemos parte.

Nesse mesmo período, na década de 1960 o cientista britânico James Lovelock trabalhava intensamente para comprovar a sua Hipótese de Gaia, que afirmava que a atmosfera da Terra é regulada pela complexa dinâmica dos metabolismos de todos os seres vivos e que encontra um equilíbrio, justamente, pela diversidade e complexidade de relações entre eles. Ele publicou mais de uma centena de trabalhos científicos para comprovar suas observações, que vinham sendo violentamente refutadas pela comunidade científica. Ele então começa a cooperar com a microbióloga norte-americana Lynn Margulis, que tinha se tornado muito conhecida pelas suas descobertas sobre endossimbiose⁴, uma compreensão arrojada e também muito combatida. Juntos eles publicaram o artigo “Biological Modulation of the Earth’s Atmosphere”, em 1974, na Revista *Icarus* nº21. Poucos anos mais tarde e a partir de muita pesquisa a Hipótese passou a ser aceita e considerada Teoria.

A consolidação da Teoria de Gaia dá suporte científico à proposta filosófica da Ecologia Profunda, quando ela afirma a indissociabilidade de todos os seres vivos entre si. Mas a Ecologia Profunda traz também considerações relativas às especificidades humanas, aos aspectos psicológicos da questão. Arne Naess afirma a importância do desenvolvimento do self-ecológico, de práticas que possam orientar as pessoas a superar seu estágio extremamente autocentrado ou ego-centrado, para um caminho de expansão psíquica a ponto de reconhecer que os danos feitos aos seres da Terra são danos feitos a si mesmo.

Apesar de termos passado tantos milênios em harmonia e comunhão com os demais seres com quem compartilhamos o Planeta, e só cerca de 200 anos na era industrial que nos estimula a avançar no individualismo e na construção de nossas vidas de forma ego-centrada, não é fácil para nós, hoje, abirmos mão dessa forma de viver. Apesar do individualismo nos deixar doentes, depressivos, ansiosos, com *déficit* de atenção e hiperatividade, e tantas outras fontes de sofrimento, resistimos a abrir mão do que consideramos conforto, do que consideramos necessário, do que pensamos que sem tais elementos não conseguiríamos viver.

4 Endossimbiose é uma relação ecológica que ocorre quando um organismo vive no interior de outro.

Observando essa dificuldade de estar em comunhão com os outros seres, a dificuldade de contemplar, de acalmar a mente para poder interagir e perceber-se em sintonia com outros seres, Joseph Cornell, um educador ao ar livre e observador de pássaros norteamericano, começou a criar jogos e brincadeiras para ajudar as pessoas a se relacionarem de forma integrada e verdadeira com o mundo natural. Em 1979 publicou seu primeiro livro, “*Sharing Nature with Children*”⁵, que foi um sucesso, tendo sido logo traduzido para mais de 15 línguas. Este livro é formado de um conjunto de atividades, com indicações específicas sobre seu uso. Conforme ele foi praticando as atividades com seus grupos – na época ele era contratado por organizações conservacionistas para conduzir grupos como educador ao ar livre – foi percebendo que a ordem com que propunha as atividades, fazia diferença. Ou seja, as atividades têm características próprias, com resultados próprios na dinâmica dos grupos.

Tais atividades foram tão bem elaboradas que realmente podem proporcionar experiências com potencial de transformar o modelo mental de antropocêntrico para biocêntrico. O método criado por Joseph Cornell é uma forma de vivenciar a Ecologia Profunda. Está dentro do mesmo campo perceptivo, daquelas pessoas que percebem a importância de desenvolvermos, como sociedade, empatia, relações diretas e amor pelos outros seres e pelo conjunto de todos os seres do qual fazemos parte. Como um amor por si mesmo expandido!

Com essas percepções e sua experiência com a prática da Yoga e a meditação, ele percebeu que as atividades, quando praticadas de uma determinada forma, ofereciam um ganho ainda maior na interação das pessoas com a natureza. Assim ele propôs o “Flow Learning”, que nós aqui chamamos de Aprendizado em Fluxo*⁶

As atividades são organizadas de acordo com o estado de agitação ou contemplação que estimulam, como já explicado anteriormente neste texto. O Aprendizado em Fluxo sugere que o início de um programa de atividades de educação ao ar livre deve ser alegre e divertido, para que possa harmonizar tanto o excesso de agitação quanto a sonolência dos participantes, além de criar uma atmosfera de abertura no coração das pessoas para a experiência a seguir.

5 Na primeira tradução para o português no Brasil este livro foi intitulado “Brincar e Aprender com a Natureza”, e publicado pelas Editoras Melhoramentos e Senac, em 1996. Na segunda tradução, seu título é: “Vivências com a Natureza 1” traduzido pelo Instituto Romã de Vivências com a Natureza e publicado pela Editora Aquariana.

6 Na primeira tradução dos seus livros “Flow Learning” foi traduzido por Aprendizado Sequencial. Anos mais tarde sentimos a necessidade de aprimorar a tradução, pois trata-se de criar um fluxo entre as atividades e não simplesmente uma sequência. Passamos a chamar de Aprendizado em Fluxo.

Ao adentrar um ambiente natural, segue-se um momento de ajudar as pessoas a efetivamente acalmar a mente, direcionando paulatinamente sua atenção a um foco, trabalhando com um ou dois sentidos. Fechar os olhos ajuda muito nesse processo, ou, ao contrário, focar unicamente na visão ou na audição, ajudam a criar esse aquietamento da mente de forma que ele possa ser sustentado por toda a experiência a seguir.

O momento seguinte é que oferece propriamente uma experiência direta com os outros seres, por meio de atividades muito sensíveis, delicadas, que requerem entrega e contemplação. Nesse momento a natureza responde e as pessoas vão pouco a pouco sendo capazes de ouvi-la.

Por fim, para que a novidade e/ou a intensidade da experiência com a Natureza não se perca com a volta às rotinas cotidianas, propõe-se uma última etapa para que os momentos mais elevados da experiência possam ser compartilhados e a escuta uns dos outros possa ampliar as percepções e os aprendizados de cada um.

Esta obra nos traduz em métricas os resultados de uma pesquisa que propõe vivências com a natureza por meio da abordagem Sharing Nature, colocando em evidência o potencial dessa abordagem para processos de transformação em ambientes educacionais. Tem especial relevância por situar-se em região amazônica, um bioma tão maravilhoso quanto frágil, e o fortalecimento do afeto de seus habitantes por sua região, do senso de pertencimento a um todo complexo e belo é ainda mais significativo nos dias atuais. Que o senso de integralidade, de reverência e de pertencimento ao Planeta Terra possa se fortalecer cada vez mais entre todos nós!

REFERÊNCIAS

ABRAM, David. **Scientists On Gaia**, Boston: MIT Press, 1991.

ABRAM, David. **The Encyclopedia of Religion and Nature**. Nova Iorque: Editora Continuum, 2005.

AMARAL, Augusto Luis Medeiros; GENTINI, Alfredo Guillermo Martin; AMARAL, Raquel Avila. Grupo como dispositivo: a microintervenção ecosófica nos processos de formação em educação ambiental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, e170967, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844170967>

BRUNNER, Christoph; NIGRO, Roberto; RAUNIG, Gerald. Post-Media Activism, Social Ecology and Eco-Art. **Third Text**, v. 27, n. 1, p. 10–16, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/09528822.2013.752200>

BUILES-CADAVID, Clara Inés; GARCES-GIRALDO, Luis Fernando; SALDARRIAGA, Luz Eugenia. Antecedents of the ecosophy. **Revista producción + limpia**, v. 13, n.1, p.120-125, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22507/pml.v13n1a9>.

CARSON, Rachel. **Silent Spring**. New York: Houghton Mifflin, 1964.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a natureza 1**: guia de atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2005.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: EDIPRO, 2018.

DIÁRIO DE CAMPO 1 de 09/04/2022. Encontro realizado nas dependências da escola. São Francisco do Guaporé. 2022. 3 p.

DIÁRIO DE CAMPO 2 de 18/04/2022. Encontro realizado em fragmento florestal Amazônico. São Francisco do Guaporé. 2022. 3 p.

DIÁRIO DE CAMPO 3 de 23/04/2022. Encontro realizado em fragmento florestal Amazônico. São Francisco do Guaporé. 2022. 2 p.

DIÁRIO DE CAMPO 4 de 02/05/2022. Encontro realizado em fragmento florestal Amazônico. São Francisco do Guaporé. 2022. 3 p.

DIÁRIO DE CAMPO 5 de 09/05/2022. Encontro realizado em fragmento florestal Amazônico. São Francisco do Guaporé. 2022. 2 p.

DIÁRIO DE CAMPO 6 de 14/05/2022. Encontro realizado em fragmento florestal Amazônico. São Francisco do Guaporé. 2022. 3 p.

DIÁRIO DE CAMPO 7 de 21/05/2022. Encontro realizado nas dependências da biblioteca da escola. São Francisco do Guaporé. 2022. 4 p.

GREENHALGH-SPENCER, Heather. Guattari's Ecosophy and Implications for Pedagogy. **Journal of Philosophy of Education**, v. 48, n. 2, p. 323–338, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9752.12060>

GUATTARI, FÉLIX. **As três ecologias**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GUI, Roque Tadeu. Utilização do grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **Psicologia**, v. 3, n.1, p. 135-159, 2003.

HAMPSON, Gary P. Facilitating eco-logical futures through postformal poetic ecosophy. **Futures**, v. 42, n. 10, p. 1064–1072, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2010.08.005>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estado de Rondônia: vegetação**, 1º edição, 2006. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/vegetacao/mapas/unidades_da_federacao/ro_vegetacao.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

_____. **Mapas de biomas do Brasil**: primeira aproximação, 2004. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/estudos_ambientais/biomas/mapas/biomas_5000mil.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

_____. **São Francisco do Guaporé**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/sao-francisco-do-guapore/panorama>. Acesso em: 18 set. 2021.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **IDEB - Resultados e Metas**. 2020. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/>. Acesso em: 07 nov. 2021.

LEVESQUE, Simon. Two versions of ecosophy: Arne Næss, Félix Guattari, and their connection with semiotics. **Sign Systems Studies**, v. 44, n. 4, p. 511-541. doi: 10.12697/SSS.2016.44.4.03

MACHÁČKOVÁ, Karolina; DUDÍK, Roman; ZELENÝ, Jiří; KOLÁŘOVÁ, Dana; VINŠ, Zbyněk; RIEDL, Marcel. Forest Manners Exchange: Forest as a Place to Remedy Risky Behaviour of Adolescents: Mixed Methods Approach. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 11, p. 5725, 2021. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34073575/>>. Acesso em: 10 Jan. 2022.

MACY, Joanna. **Esperança ativa**: como encarar o caos em que vivemos sem enlouquecer. 1. ed. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.

MAFFESOLI, MICHEL. **Ecosofia**: uma ecologia para nosso tempo. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.

MAZZARINO, Jane Márcia. **Ecosofia NAT**: design para comunicação ambiental. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021.

MENDONÇA, Rita. **Atividades em áreas naturais**. 2. ed., São Paulo: Ecofuturo, 2017.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. *In*: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de (Ed.) **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005, p. 85-114.

MOSCOVICI, SERGE. O reencantamento do mundo. *In*: _____(org.). **Natureza: para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 80-150.

NAESS, Arne. **Ecologia, comunida y forma de vida**. 1. ed. Ciudad Autônoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

ROHLFS, Izabel Cristina Provenza de Miranda. **Validação do teste BRUMS para avaliação de humor em atletas e não atletas brasileiros**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, SC, novembro de 2006.

SÃO FRANCISCO DO GUAPORÉ. **__Histórico**, 08 agosto 2019. Disponível em: <http://www.saofrancisco.ro.gov.br/municipio/item/134-historico>. Acesso em: 18 set. 2021.

SHAW, Robert. Knowing homes and writing worlds? Ethics of the ‘eco-’, ethics of the ‘geo-’ and how to light a planet. **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, v. 99, n. 2, p. 128-142, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/04353684.2017.1311469>

SILVA, Jorge Luiz da; MELLO, Flávia Carvalho Malta de; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; PRADO, Rogério Ruscitto do; SILVA, Marta Angélica Iossi; MALTA, Deborah Carvalho. **Vitimização por bullying em estudantes brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 27, n. 3, p. e0310017. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018000310017>

SILVA, Rosimere Viana Barbosa da. Os Conflitos na Fronteira de Contato entre Pais e Filhos Adolescentes. **IGT na Rede**, v. 12, n. 22, p. 53–66, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100004. Acesso em: 20 set. 2022.

SMITH, William. The role of environment clubs in promoting ecocentrism in secondary schools: student identity and relationship to the Earth. **The Journal of Environmental Education**, v. 50, n. 1, p. 1-27, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00958964.2018.1499603>

TINNELL, John. FCJ-121 Transversalising the Ecological Turn: Four Components of Felix Guattari's Ecosophical Perspective. **The Fibreculture Journal**, n. 18, p. 35-64, 2011. ISSN: 1449-1443

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15. 2011. doi: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2011.11.a12804>

VIEIRA JUNIOR, Francisco Ubaldo; VIEIRA, Katia Maria Rosa; MORETTI, Andrezza Campos. *Bullying* com adolescentes escolares em diferentes contextos educacionais. **Revista de enfermagem UFPE on line**, v. 14, p. e243622. 2020. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243622>

WARAT, Luis Alberto. É difícil dizer adeus: do Anti-édipo à Ecosofia. **Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos**, v. 13 n. 25, p. 79–84, 1992

ISBN 978-655376382-1



9

786553

763821